

FUTURO CEMITÉRIO

POR FABIO DA SILVA BARBOSA

Um futuro distópico onde as pessoas não precisam fazer escolhas, sentir, pensar. Um sistema que, sob o pretexto de proteger seus cidadãos de bem, matem todos trancados e distantes, sem se relacionarem. Não correm riscos. As ruas servem apenas para transportar os cidadãos até o trabalho e depois de volta para casa. Tudo está envolto em um discurso que parece fazer todo sentido. Quanto mais controlador este sistema se torna, mais as pessoas devem se sentir protegidas. A indústria farmacêutica e a tecnologia são usadas como ferramentas para garantir este controle. A escravidão voluntária é seguida pelos cidadãos que se orgulham em fazer parte destas nefastas engrenagens. Abrir mão de viver para se enquadrar no modo tido como correto, sem pecado, com segurança. Um cemitério confortável para se passar o tempo chamado de vida. Recursos naturais, como a água, já estão se esgotando e são de propriedade de poucos privilegiados. Mas existem os que não se conformam ou acreditam com tanta facilidade. Sempre há a resistência. Guerrilheiros do submundo que não aceitam viver em uma sociedade prisão. Pessoas que precisam da verdadeira liberdade, de vida. Sempre existirão caminhos para fugir da vigilância opressora que se utiliza de diversas desculpas para padronizar e punir, não permitindo construções de novos olhares e possibilidades. Um livro que serve como alerta contra líderes, salvadores, homens de bem e soluções fáceis para a complexidade humana. Serve também como semeador de certas ideiazinhas.

Por enquanto acho que está bom. Não gosto muito de explicar o que está aí. Um livro é para ser lido, não explicado. É só ir virando a página e viajar.

Abra a mente e não bloqueie novas perspectivas.

O autor.

Todo dia chega com o mesmo ar apático, mesmo caminhar...

- Como foi o trabalho?

Ele não responde. Vai até o vidro de comprimidos e toma alguns. Desliga a micro tela, tira os fones e senta na frente do computador. Cleonice não lembra mais da pergunta que tinha feito. Está hipnotizada, tecendo em sua micro tela. O filho havia sumido há dois anos e pareciam não lembrar. Por vezes tocavam no assunto de forma desinteressada.

- Onde será que Paulinho foi?

- Vai saber. Já fizemos o que podíamos. O desaparecimento foi registrado.

Ela não tira os olhos da micro tela e ele já sentou diante do computador. Em algum momento vão para a cama, colocam os fones de ouvido, balbuciam algo tipo “boa noite” e ficam assim até dormir.

Ele acorda cedo e vai para a fábrica de robôs. Novos modelos estão sendo produzidos em massa para o mercado. Os robôs estavam ganhando cada vez mais campo. Amaro e Cleonice eram um dos últimos casais humanos. A nova geração se casava com as máquinas, com programas avançados. O processo de distanciamento entre os humanos foi aprimorado ao máximo.

O trajeto é feito de trem sônico tanto para ir, como para voltar do trabalho. Os vagões lotados de pessoas com os olhos voltados para as micro telas em suas mãos e os fones nos ouvidos. Quando para na estação, Amaro confere no painel digital se é a sua e desembarca. Anda uma quadra e chega à empresa, onde o sinal da micro tela é cortado e Amaro se depara com a porta automática. Ultrapassando a porta, está o holograma fazendo os anúncios das últimas novidades constantemente propagandeadas através das micro telas.

- Compre já sua cara metade. Não precisamos mais dos inconvenientes contidos nas relações humanas. - Diz a voz sedutora do holograma no saguão do prédio onde funciona a fábrica. - Basta comprar através do programa de pedidos de sua micro tela.

O ponto é batido assim que se entra no prédio, através do sistema de leitura corporal. O sistema analisa cada traço único do ser, sem ao menos a necessidade do indivíduo parar. Ao passar pela porta, já é reconhecido e o horário de entrada registrado, assim como na hora da saída. Quando o sujeito não trabalha no local, a andróide atendente se aproxima.

- Bom dia. Poderia ajudar?

Amaro pega o elevador e vai para a sala onde ficam as fichas que indicam as máquinas que precisam de manutenção. Ali existem os armários onde os funcionários guardam seus pertences antes de começar as manutenções. Não podia demorar, pois estas máquinas é que produzem os robôs e a produção não pode parar. São 24 horas de produção constante.

Lembrou que não tomou as medicações antes de sair de casa. Pega os comprimidos reservas que guarda em seu armário e toma. Sente dificuldade em engolir todos de uma só vez e vai até o bebedouro, de onde jorra água sintética ao apertar o botão. Na verdade, o líquido não tem a menor relação com o que antes era conhecido como água, mas as poucas fontes ainda existentes eram de propriedade privada de alguns afortunados. Água de verdade é algo raro e caro.

Cleonice trabalha em casa. Projeta programas de inteligência artificial. Estes programas são utilizados nos mais diversos fins. Estava trabalhando em um para a indústria de comprimidos. Um novo programa de controle de funcionários. As fábricas de medicamentos são de importância igual ou maior que as de robôs. Estão na base da sociedade. Além de servirem para “alimentar”, as medicações controlam os impulsos instintivos dos seres humanos. Anulam a libido, a raiva, o amor.... Enfim... Mantém todos felizes e em estado letárgico.

- Joana sumiu.

- Sumiu?

- Sim. Já fiz o registro.

- Faz alguma ideia do que aconteceu?

- Não. Comprei um programa companheiro e instalei no meu computador. Já estou me acostumando a viver com ele.

- Há quanto tempo ela sumiu?

- Um mês. Talvez mais. Já não lembro ao certo.

- Amaro e Pedro, conversar durante o trabalho tira a concentração necessária para o bom andamento de suas funções. Mantenham o foco nas atividades desenvolvidas.

Ambos pediram desculpas ao programa de controle de funcionários e continuaram trabalhando em silêncio. Mesmo falando em tom gentil, o alto volume do som e a sensação de estar vindo por todos os lados dava medo quando a voz se fazia ouvir.

O minuto de almoço é tempo necessário para tomar nova remessa de remédios e voltar ao trabalho. Ao acabar de ingerir a medicação, escutou a voz do andróide supervisor.

- Senhor Amaro.

- Pois não.

- Estive conversando com o sistema de controle de funcionários e levamos certas questões referentes ao senhor para o Gerente Geral. Ele deseja vê-lo imediatamente.

- Mas... O que...

- Tenha a gentileza de me seguir.

Era no penúltimo andar daquele prédio de cem andares. A sala do temido Gerente Geral. O último andar pertencia ao Presidente da fábrica. Poucos tinham ido até o último andar. Ir até o penúltimo já causava pânico o suficiente.

- Aguarde, o Gerente Geral já vai atendê-lo. – Pediu a andróide secretária.

Quando a porta da sala abriu, Amaro entrou e olhou para trás. Viu que o andróide supervisor já entrava no elevador.

- Senhor Amaro, eu suponho.

Amaro virou de novo para dentro da sala. Era o holograma do Gerente Geral quem falava. Estava de pé no meio do salão.

- ...

- Sente-se, por favor. – Falou apontando o sofá.

- O andróide supervisor disse que o senhor...

- Sim, sim... Sente-se.

O holograma sentou logo após Amaro ter se acomodado. Ocupou o sofá que ficava de frente para o funcionário.

- O que está acontecendo?

- Nada, senhor Gerente Geral.

- Tem certeza?

- Como assim?

- Tenho recebido relatórios preocupantes sobre o senhor. Posso chamá-lo de Amaro?

- Sim, senhor.

- Você está onde muitos gostariam de estar. Faz parte da grande equipe de manutenção de máquinas construtoras de robôs. Foi promovido do setor de manutenção de máquinas construtoras de máquinas para o de máquinas construtoras de robôs e quem sabe um dia vá para o setor de fabricação de andróides. Gostaria disso, não?

- Seria uma honra, senhor.

- Mas, para isso, tem de continuar sendo o funcionário dedicado e obediente que sempre foi.

- Mas, senhor...

- O seu andróide supervisor e o programa de controle de funcionários que rege este prédio tem observado que você não produz tanto quanto antes e já foi pego conversando com os

colegas de trabalho por mais de uma vez. Amaro, você tem tomado seus remédios? Todos os comprimidos?

- Todos os dias e em todas as refeições.

- E as cápsulas?

- O doutor suspendeu as cápsulas. Receitou uma nova geração de comprimidos que...

- Hum... Interessante... Tinha esquecido que o senhor está participando do programa de testes de novos comprimidos. Talvez eles não estejam funcionando tão bem quanto o esperado.

- O senhor acha?

- Sim, Amaro, acho. – Após curto silêncio, completou. – Quero que você vá amanhã mesmo consultar com nosso médico e hoje, depois do expediente, compareça ao auditório para a Reciclagem Cidadã.

-...

- Vê algum problema nisso, Amaro?

- Não, senhor.

- Nossa empresa estará começando uma produção em massa de andróides e robôs para a polícia e para o exército. As máquinas estão se mostrando muito mais eficientes que os humanos para funções militares. Talvez, no futuro, tenhamos apenas alguns homens nestes setores. Precisamos que você esteja bem para contribuir com nosso importante trabalho.

- Entendi, senhor.

- Lembra de Nadir?

- Lembro, senhor.

- Nadir cresceu tanto em nossa empresa que foi convidado para trabalhar na área dos ciborgues. Tinha um futuro brilhante pela frente. Uma pena. Começou a perder a concentração, o foco no trabalho.

- O que aconteceu com ele, senhor?

- Vai saber, Amaro... Vai saber... – Mais um curto silêncio se fez no ambiente. – Passe na secretária e pegue os encaminhamentos. Não queremos que algo assim aconteça com você. Sabe que, em nossa sociedade, quem não vive pra servir, não serve para viver.

Com um pequeno sorriso, o holograma do Gerente Geral levantou e indicou a saída. Era o sinal que a conversa tinha acabado.

- Expedição Terra 2 fazendo contato. Base na escuta?
- Sim, Expedição Terra 2. Aqui é a base.
- O humano que trouxemos a bordo saiu do estado de sono induzido. Questionou sobre detalhes do desembarque em Terra 2 para análise de efeitos. Repetimos as mesmas informações que já haviam sido passadas antes de seu embarque na expedição. Parece estar apreensivo. Administramos algumas medicações injetáveis para que este estado não se agrave quando a sonolência passar por completo. Vídeo de todo o procedimento indo em anexo ao relatório.
- Cuidado para não exceder na medicação. Isto pode alterar o resultado da pesquisa e análise.
- Administrado apenas o necessário para não haverem descontroles dos fatores humanos.
- Estaremos aguardando novo contato atualizando acontecimentos e passos seguintes.
- O humano logo será encaminhado para os exames pré desembarque, confirmando seu estado físico e psicológico. No momento está terminando o processo de despertar. Ainda não está cem por cento ativo.

Acabado o dia de trabalho, Amaro foi ao auditório do prédio, onde aconteceria a Reciclagem Cidadã. Ao passar pela porta, os sensores logo identificaram sua entrada através do sistema de leitura corporal. A voz do programa de controle de funcionários o recepcionou.

- Estávamos esperando sua chegada para começar.

Sentou em uma das cadeiras vazias e reconheceu Pedro sentado um pouco mais a frente. Logo o holograma do Programa de Reciclagem Cidadã surgiu na frente dos presentes. Era a mesma figura que aparecia em todos os auditórios e centros que utilizavam o programa. Um homem alto e magro com uma roupa cerimonial. Roupa diferente da usada pelos cidadãos comuns.

- Boa noite, senhores. Sou o seu mestre de cerimônias. Estamos aqui para a Reciclagem Cidadã. Talvez alguns de vocês já tenham passado pelo procedimento, mas, por algum motivo, acabaram por retornar. Existindo um número de vezes em que isso pode ocorrer e um grau de gravidade para o comportamento motivador, entendo que todos são capazes de se recuperar e voltar a ser uma importante engrenagem em nossa gloriosa sociedade. Vou pedir total atenção à grande tela.

Nesse momento a luz apagou, a tela se iluminou e, logo em seguida, o holograma desapareceu. Imagens muito antigas apareceram e a voz do mestre de cerimônias voltou a ser ouvida.

- Em um tempo muito antigo, antes de alguns de vocês nascerem, o ser humano estava perdido. Criou um labirinto de ideologias e sensações que o estava levando ao caos e a destruição. Uma sociedade decadente sendo corroída pela violência, pelo ódio, pela promiscuidade, por conflitos sentimentais. Governos corruptos separados por interesses pessoais, pela ganância. Um mundo dividido que admitia a subjetividade, a personalidade.

Na tela iam passando imagens de agressões, misérias, guerras...

- Mas um grupo de homens começou a observar e separar o que motivava toda aquela desordem e horror. Começaram a desenvolver pesquisas e métodos para frear toda aquela loucura. Mesmo com todo conhecimento que começava a ser adquirido, eles ainda não sabiam o que fazer, como agir. Eis que surge O Salvador do Bem. O homem que teve a visão do novo mundo, que transformou as metas, até então ideias vagas, em algo sólido, nos tirando do labirinto confuso em que nos metemos. Criamos nossa própria destruição, mas ele chegou trazendo luz.

Trombones e tambores se fazem ouvir e a figura do Salvador do Bem surge na tela sobrepondo as outras imagens. Seguem então imagens mostrando a construção do novo mundo.

- Reunindo todos os que estavam em busca de soluções, pôs um rumo à caminhada, fortalecendo o objetivo maior. Começou a unificação. Tinha de acabar com a besta plural, transformando todos em um só. Um mundo lindo, sem guerras, discussões, desentendimentos. Um mundo onde todos poderiam viver de forma fraternal, sem mudanças. Apenas a paz e a segurança. Todos pensariam igual. Mostraria a face real da felicidade. Algo tão bom que todos concordariam. A verdade, senhores. A verdadeira verdade seria apresentada. A perfeição.

A música chegara ao ápice e depois diminuiu o volume. Ficou mais tranquila. As imagens acompanharam o ritmo musical, mostrando a nova sociedade já acontecendo.

- Mas os instintos humanos ainda se apresentavam como empecilho para a evolução do sistema de vida perfeito. A vontade e os desejos eram as piores doenças. Métodos modernos foram desenvolvidos para inibir todo primitivismo interno. As relações interpessoais que tanto criavam problemas foram reduzidas ao mínimo necessário. Todo traço pessoal foi banido como a maior das vergonhas. Estava ficando cada vez mais claro o que era importante e o que a ilusão do velho sistema nos fazia acreditar que era importante.

As cenas agora eram de homens e mulheres enfileirados, todos com as mesmas roupas e as cabeças raspadas. Os vagões dos trens sônicos lotados, levando as pessoas para o trabalho. Crianças e adolescentes sentados em suas cadeiras, olhando para as telas nas mesas escolares, como uma grande massa amorfa.

- O controle. Assumir o controle para que cada um tivesse importância fundamental neste futuro que se apresentava. O Salvador do Bem e sua equipe cuidadosamente montada foi

evoluindo em seus métodos até livrar o homem de toda perversão natural, de toda sujeira. Atualmente estamos livres até mesmo do pecado original. Nascemos puros. Os bebês podem ser encomendados aos nossos laboratórios e o controle de natalidade se dá de forma muito mais eficaz que em qualquer outra época da história humana. Seres puros e perfeitos, livres de qualquer traço maldito do antigo ser. Percebe-se então que essa época histórica é o retorno do próprio Deus ao nosso mundo. E quem poderia ser esse Deus, se não nosso querido Salvador do Bem?

A música chega a novo climax, enquanto as imagens dos bebês que estavam na tela são sobrepostas por imagens de pessoas vibrando. Surgem com os braços erguidos em louvor. Aquelas pessoas apáticas do auditório se levantam, erguem os braços e saúdam a imagem imponente que agora surge na tela. O Salvador do Bem está de pé e começa seu discurso.

Ele vem com ar distraído. Passa por uma lixeira e deposita algo que escorrega por sua mão para dentro dela. Continua andando, mas os olhos pesquisam bem o entorno, sem precisar virar o pescoço. Foi um bom tempo de treino até ser chamado para a primeira missão. Missão planejada, vista e revista antes de sua execução. Dobrou a esquina e continuou andando até chegar à estação. Parecia mais um cidadão de bem concentrado em sua micro tela, sem saber o que estava acontecendo ao redor. Mas tinha de ficar atento. Contava os minutos em silêncio, até ouvir a forte explosão.

O discurso proferido pelo Salvador do Bem na tela foi interrompido pela grande explosão. A imagem sofreu interferência e o avançado sistema de som falhou. A imagem tentou reaparecer, mas a tela foi desligada. As luzes acenderam e o holograma do programa de reciclagem cidadã reapareceu dando instruções para que todos seguissem os robôs e andróides que acabavam de entrar pela porta.

- Os terríveis bárbaros terroristas cometeram mais um atentado contra a ordem vigente e a paz social. Nossas autoridades já estão tomando providências para que essa ameaça bizarra a nossa sociedade seja eliminada. Sigam todas as instruções e ficará tudo bem. Temos total controle da situação. O controle é a base da paz e da segurança.

A voz do holograma ia sumindo enquanto Amaro seguia as ordens dos robôs que o guiava junto aos demais até a saída do prédio.

- Saiam pela porta, sem pânico. A situação está sob controle. Sigam direto para a estação e vão para suas casas. Não parem pelo caminho.

Era o programa de controle de funcionários auxiliando os robôs e andróides na evacuação do prédio. Todos os funcionários obedeciam o que era dito, sem questionar.

A explosão tinha acontecido em uma lixeira na frente do prédio. Uma grande quantidade de nano explosivos foi usada e uma cratera havia sido aberta na calçada. Amaro pensou em olhar ao passar pelo lugar, mas o buraco já estava cercado pela polícia. Um robô passou por ele e disse para seguir o caminho até a estação. Informou ainda que o trem sônico não havia sido atingido pelo atentado e o quanto era perigoso ficar pela rua. Todos deviam ir para casa, onde ficariam em segurança.

Amaro colocou o fone e ligou a micro tela para que ela relatasse maiores detalhes sobre o ocorrido. Logo as instruções que já haviam sido dadas pelo caminho apareceram e Amaro seguiu cada passo a risca.

Cleonice estava detalhando projetos que teriam de ser entregues ainda no mesmo dia. Estava focada, olhando para a tela do computador enquanto os dedos digitavam em velocidade acelerada. Colocou a micro tela no canal onde tocavam as últimas músicas aprovadas pelo Ministério dos Bons Costumes. Estava sendo anunciado um lançamento. Mais um belo louvor ao Salvador do Bem. De repente os fones interromperam a programação para noticiar mais um terrível atentado promovido pelos bárbaros terroristas. Parou de digitar e olhou em volta sem saber ao certo o que devia fazer. Foi até a cozinha e tomou uma dose extra de comprimidos e cápsulas. Não precisava se preocupar. Sabia que estava tudo sob controle. Tudo sempre estava sob controle. Era só conferir se a casa estava bem fechada e voltar a trabalhar. Tinha de acabar logo com os pequenos projetos para voltar ao da fábrica de comprimidos.

Quando percebeu, a noite já tinha chegado. Como poderia não ter visto o tempo passar? Mas... Espera... Amaro já era para ter chegado. Será que teve de fazer nova hora extra para garantir a produção? Afinal, todos tinham de se sacrificar pelo bem da sociedade. Devia ser isso. Enviou os projetos, tomou a medicação da noite e foi deitar.

Ficou olhando a programação da micro tela com os fones bem enfiados nos ouvidos. Parou em um canal de variedades. Estava passando uma extensa matéria sobre o Salvador do Bem e seus esforços para manter a todos seguros e felizes. Seguiu outra matéria. Essa era sobre os últimos atos terroristas ocorridos durante a semana. Foram relacionados os desaparecimentos de cidadãos de bem a grupos extremistas que estavam querendo por em risco o progresso e a paz social. Foi lembrada a importância de manter as portas e janelas bem fechadas e o perigo de sair de casa. Qualquer atitude suspeita ou mudança de comportamento observada em vizinhos ou familiares deveria ser informada as autoridades competentes. Anúncios de novos equipamentos de segurança antecederam a série cômica da Família Margarida.

- Seria como mastigar filipetas. – Dizia o pai da Família Margarida. Esse era o seu bordão predileto.

Cleonice sentiu algo que poderia ser chamado de conforto ao assistir aquele besteiro. A programação, junto ao efeito dos remédios, ia relaxando o corpo e a mente. Não precisava pensar, se afligir. Tudo era muito bem construído. Era tudo meticulosamente programado. Podia ficar tranquila. Não seria mais como nos tempos em que a humanidade estava perdida, antes do Salvador do Bem vir os resgatar.

Aos poucos, os olhos de Cleonice foram pesando. O cérebro desligando sob o efeito das medicações. Os fones despejando a verdade vigente pelos seus ouvidos. O cérebro apenas absorvendo. Fazia muito tempo que não sonhava. Sonhar era sinal de demência. Certa vez um médico disse que era impossível não sonhar, mas que “as lembranças destes sonhos estavam abafadas sob toda a química medicamentosa com que nos bombardeávamos diariamente”. Era um subversivo. Queria propagar o caos, a desordem.

Ao abrir os olhos lentamente, observou que já era dia. Virou para o lado e constatou a ausência de Amaro. Levantou e andou pelos cômodos. Ele não estava. Será que tinha ido mais cedo para o trabalho? As horas extras eram cada vez mais frequentes. Mas tudo bem. Todos precisavam se sacrificar para a manutenção do sistema e o progresso da sociedade.

Tomou uma dose reforçada de comprimidos e foi consultar os afazeres do dia na caixa de entrada do computador.

- Expedição Terra 2 fazendo contato. Base na escuta?
- Sim, Expedição Terra 2. Aqui é a base.
- Resultados de exames pré desembarque sendo passados de forma detalhada para ciência da base. Todos os resultados mostraram o bom estado do humano.
- Ele está mais tranquilo?
- As medicações injetáveis estão mantendo o humano sob controle e estão sendo administradas com todo cuidado para não darem alterações prejudiciais ao sucesso da missão.
- Prossiga assim, Expedição. Estudaremos os resultados com toda atenção necessária. Mantenha contato. Aguardamos novos informes.

Uma semana passou. Cleonice fez o registro de desaparecimento e aumentou a quantidade de suas medicações após consulta médica. Já não se preocupava tanto com o sumiço de Amaro. Por vezes até esquecia o assunto. Amanhã teria nova consulta.

Outro dia viu um anúncio em sua micro tela, onde um holograma divulgava o programa completo para o cidadão do novo tempo. Era o mais moderno programa companheiro, que vinha acoplado com a modalidade controle doméstico. Precisava de alguns acessórios para funcionar em todo ambiente, mas tudo era viável se adquirido através do Cartão Facilidade. Talvez estivesse na hora em que daria mais um passo rumo ao futuro. Acompanhar a tendência do momento. Não podia ficar para trás. Afinal, desde que o Salvador do Bem começou a construir o novo mundo, tudo que era novo devia ser adquirido o quanto antes, pois eram ferramentas para aprimorar e melhorar ainda mais o que já estava perfeito. Tudo que vinha era para o bem. O contrário nunca seria admitido. A dúvida não era mais necessária. Toda equipe do Salvador do Bem, seus ministros, secretários e assessores, as empresas, a nova ordem religiosa... Tudo cuidava para o progresso contínuo. “Eles nos protegem. Escolhem por nós para que não tomemos decisões erradas. São altamente capacitados para saber o que é melhor. Sabem o que é melhor para mim, mais que eu mesma.”

Como podem perceber, no fim do último parágrafo o pensamento de Cleonice entrou pela minha narração a dentro. Ela ficou perdida nessas divagações até que a campanha tocou. Ficou confusa a princípio, pois não costumava se perder tanto tempo com a mente correndo solta e o barulho escutado já era desconhecido. Não recebiam visitas. As pessoas não costumavam mais ir à casa das outras e todos os moradores da residência eram reconhecidos pelo sistema de leitura corporal para abrir as portas. O barulho se fez ouvir novamente. Cleonice deu passos apressados até a porta. Olhou pelo visor digital. Viu um homem com farda policial. Apertou o botão do sistema comunicador e perguntou quem era. O homem apresentou o documento para o visor e confirmou ser policial. Cleonice destrancou a porta manualmente.

- Em que posso ajudar?

- Vim tratar sobre o desaparecimento do seu marido. Posso entrar? – Perguntou com cortesia, mas já entrando.

- Claro.

O policial tirou um spray do sono do bolso de seu casaco e lançou no rosto de Cleonice. Ela caiu em sono profundo, sem esboçar reação.

- Ele está despertando.
- Ainda está com a sonda?
- Retiramos a sonda nasogástrica de alimentação e o soro quando suspendemos os tranquilizantes.
- E como está?
- Parece confuso.
- Já levantou?
- Está tentando, mas o efeito dos tranquilizantes ainda está prevalecendo.
- Quando ele estiver melhor, traga até aqui.
- Tem certeza que não deveríamos esperar mais alguns dias até a desintoxicação estar mais avançada?
- Não temos tanto tempo e não vai ser um dia a mais ou um a menos que vai fazer a diferença. Assim que ele conseguir caminhar, pode trazer.
- Certo. Com licença.
- À vontade, Cui.

Amaro tentava levantar, mas não conseguia reagir. Sono e cansaço pesavam sobre seu corpo. Devia estar há mais de uma hora tentando. Já não ficava apenas olhando o teto. O pescoço obedeceu e virou, possibilitando uma olhada em volta. Estava em um pequeno aposento que não possuía nada a mais que a estreita cama onde estava deitado. Sentia-se estranho. Tateou o corpo. Reparou que vestia apenas algo parecido com uma fralda. Tentou pedir ajuda, mas a voz saía fraca. Mais algum tempo tentando e conseguiu levantar a parte de cima do tórax, se apoiando com dificuldade nos cotovelos. Olhou para baixo e viu que realmente era uma fralda. Observou um pouco mais o ambiente. Fraquejou, descendo novamente as costas sobre a cama. Tentou voltar a levantar o tórax, mas não conseguiu. Pegou no sono.

...

Abriu de novo os olhos. Não sabe por quanto tempo voltou a apagar. Mexeu novamente a cabeça, confirmando o que já tinha visto antes. Respirou fundo e usou toda sua força. Conseguiu. Estava outra vez apoiado sobre os cotovelos. Já estava vestido. Passou a mãos pelo quadril e constatou que não usava mais a fralda. Tentou levantar mais. Estava difícil, mas aos poucos foi sentando. Girou as pernas para fora da cama. Pronto. Olhou a porta fechada, as paredes encardidas... Não imaginava que ainda existissem locais tão deteriorados. Desde a criação das casas esterilizadas, tudo era branco ou de vidro. Tudo sempre limpo. Aquele ambiente o deixou assustado.

Respirou mais uma vez com profundidade e aos poucos conseguiu ficar de pé. Deu um passo vacilante e foi ao chão. Apoiou na parede e foi novamente levantando. As mãos na parede ajudavam a sustentar seus passos até a porta. Mesmo sendo um espaço pequeno, o esforço para se locomover parecia fazer tudo ficar longe. Por mais asco que aquele ambiente lhe dava, era impossível se locomover sem se arrastar na parede. Segurou a maçaneta e tentou abrir. Estava trancada. Era uma porta antiga, de um modelo que pensava não existir mais.

- O que está acontecendo? Tem alguém aí?

Com a voz mais forte, Amaro pedia ajuda. Sacudiu a porta e deu socos tão fortes quanto lhe era possível. Nada. Nenhuma resposta. Encostou o corpo na porta e foi escorrendo por ela até sentar. Ficou assim, tentando lembrar o que tinha acontecido. Aos poucos as lembranças foram surgindo, a memória voltando. A última lembrança foi estar na estação, no meio da multidão, esperando o trem sônico. Seguiu todos os passos indicados depois da explosão para que nenhum terrível imprevisto o tirasse do caminho determinado. Mas teve alguma coisa. Uma pessoa colocou a mão em seu ombro. Sentiu algo percorrer seu corpo antes de conseguir virar para ver quem era o dono daquela mão. Não sabia se era homem ou mulher. “Pessoa ou máquina?” Daí as lembranças ficam confusas. Alguém o levando por túneis escuros. Alguém que o ajudava a andar.

- Senhor Amaro?

A voz que vinha do outro lado da porta o tirou de suas lembranças.

- Quem está aí? O que está acontecendo? O que estou fazendo aqui?

- Abrirei a porta e suas perguntas serão respondidas.

Amaro afastou o corpo daquela madeira suja e desgastada e, após o barulho das chaves, ela abriu rangendo. Um jovem muito alto entrou segurando uma arma em sua direção.

- Quem é você?

- Calma. Meu nome é Cui. Deixe que ajude. O levarei até alguém que vai explicar tudo o que deseja saber. – Vendo a hesitação nos olhos de Amaro, Cui guarda a arma e complementa: – Não estou aqui para te machucar. Não crie dificuldades desnecessárias. Vamos. Vou lhe ajudar a por os sapatos.

Vendo a falta de opção, Amaro aceita a ajuda de Cui. Deixa que lhe coloque os sapatos que estavam debaixo da cama onde estava deitado e o acompanha através da porta. Ambos caminham por um estreito corredor de teto baixo. Se achou o quarto insalubre, a visão daquele corredor deixava em Amaro a impressão de que o pior estava por vir.

- Expedição Terra 2 fazendo contato. Base na escuta? ... Expedição Terra 2 fazendo contato. Base na escuta? ... Expedição Terra 2 fazendo contato. Base na escuta?...

- Sim, Expedição Terra 2. Aqui é a base. A transmissão está muito ruim. Por que a demora desde o último relatório?

- Estamos com problemas em nosso equipamento. Fomos atingidos por uma tempestade eletromagnética pouco antes do desembarque do humano. Estamos fazendo os reparos necessários.

- A cobaia está bem?

- Sim. Nenhuma alteração em seu estado de saúde. Houve certo atraso em seu desembarque em Terra 2 devido a tempestade, mas ele já está no solo do planeta e desempenha as atividades necessárias a sua sobrevivência. Indo relatório detalhado sobre.

- O atraso para o desembarque foi de quanto tempo?

- Desculpe base, mas teremos de... Base na escuta? As interferências estão fortes. O relatório apresentará todos os dados necessários. É preciso desligar para continuar reparos. Assim que possível faremos novo contato.

- Não estamos conseguindo entender, Expedição Terra 2. Poderia repetir? Expedição Terra 2, está ouvindo?

- Paulo, Cui trouxe o senhor Amaro.

- Deixe entrar, Durval.

Paulo depositou o livro que estava lendo sobre a mesa. Cui entra com Amaro.

- Não posso acreditar.

- Boa noite, pai.

- Paulinho? É você?

- Pode acomodá-lo no sofá, Cui. Temos muito que conversar.

- Quer que eu participe da conversa?

- Não será necessário, meu amigo. Vá descansar um pouco. Somos guerrilheiros, não máquinas.

- Qualquer coisa é só chamar.

Cui saiu fechando a porta. Amaro continuava olhando incrédulo para o filho. Paulo se levantou, foi até o pai e os dois se abraçaram forte.

- Como está? Os tranquilizantes ainda vão demorar um pouco para sair do seu organismo, mas foi melhor para passar a primeira semana de abstinência. Seu organismo está muito intoxicado com todas aquelas medicações. Passando o efeito do tranquilizante você começará a perceber as coisas como há muito tempo não percebe. Para ficar completamente livre de toda a toxina será preciso alguns meses. Na verdade, seu cérebro nunca mais será o mesmo depois de todo o bombardeio químico que sofreu, mas vai melhorar bastante sua funcionalidade. Voltar a lidar com as emoções poderá causar certa confusão a princípio, mas logo se acostumará a sentir novamente.

- Sentir?

- Sim, pai. Emoções. Esse abraço que demos agora, por exemplo. Há quanto tempo não abraça alguém assim? Quer comer alguma coisa? Posso trazer um caldo. Nesse período que passou dormindo, o alimentamos através de sonda, mas agora pode voltar a comer. Tem de começar de vagar, pois seu estômago está desacostumado a digerir comida de verdade, sem falar nos estragos que os medicamentos fizeram nele.

- Não estou conseguindo entender. O que está acontecendo? Por onde andou todo esse tempo? Como assim “comida de verdade”?

- De verdade mesmo não é. É feita a base de comida de verdade. Conseguimos através de contrabandistas e de colaboradores infiltrados no outro lado. É o mais perto que conseguimos chegar de uma alimentação adequada. No estado em que o planeta se encontra, comida de verdade é coisa rara e para poucos, assim como a água. Em breve, nem para estes poucos terá. E o que você pensa que eles farão? Se matarão com os remédios como a população em geral? Mas estamos com um projeto em umas estufas clandestinas longe daqui e estamos conseguindo produzir alguns vegetais. É um método novo, algo diferente, que ainda não foi tentado e pode dar certo apesar todas as condições adversas. Soube que já colheram a primeira safra. Em breve poderemos confirmar isso pessoalmente. Se der certo... – Vendo a expressão aflita do pai, Paulo traz a cadeira para perto dele e se acomoda. - Calma. Começarei do início. Pedirei que abra sua mente. Apenas absorva o que direi. Abra a mente e não bloqueie novas perspectivas. No fundo, você já sabe de tudo isso que será apresentado.

- Isso não parece estar certo. Tenho de voltar ao trabalho. Não tomei meu remédio. Preciso da minha micro tela para entender... Saber o que...

- Não, pai. Chega de remédios para te alienar, de micro tela para te controlar e de trabalho voltado para a manutenção desse sistema que faz de vocês meros escravos. O único computador que temos por aqui é utilizado para nos manter atualizados nas estratégias inimigas. Só pode ser utilizado pelos que temos certeza que não se deixarão manipular. É preciso senso crítico e para isso temos de estar há um bom tempo sem ingerir essas porcarias em forma de comprimidos, cápsulas... enfim...

- Mas do que você está falando, meu filho? Que ideias são essas?

- Deixe-me falar. Apenas escute e lembre de não criar bloqueios. Sei que será difícil com a mente completamente trabalhada para aceitar apenas uma possibilidade de mundo tida

como verdade, mas sei que você nem sempre pensou assim. Você é do período anterior ao Salvador do Bem e toda essa ordem vigente. Você só precisa lembrar.

- Lembrar do que? Daquele mundo horrível do qual fomos salvos?

- Lembra daquele menino da escola do qual vocês não gostavam?

- Então é isso? Aquele terrorista só podia estar envolvido.

- Preciso que você escute. Preste atenção. Não relute tanto. Bem... O nome daquele menino é Gabriel. Seu pai é da mesma geração que você e mamãe. Assim como vocês, ele e a mãe de Gabriel temeram entrar para a resistência e se entregaram ao chamado novo mundo, para proteger a família. Viam os desaparecimentos, ouviam falar das terríveis prisões, das torturas e assassinatos sempre negados pelos órgãos oficiais ou atribuídos aos movimentos de resistência. Só os que se submetiam eram poupados. Aos poucos viram que não poderiam continuar inertes diante do que acontecia e fizeram contato com o que sobrou da resistência depois de todos os ataques orquestrados pelo sistema aos que não se conformavam. Um dia, a mãe do Gabriel desapareceu. Descobriram que ela não estava tomando os remédios e andava fazendo os tais contatos. Gabriel ainda era muito pequeno e seu pai teve de se virar para tomar conta dele e trabalhar duro, ou o Estado, que respondia pelo nome do Salvador do Bem, levaria Gabriel para ser criado de acordo com a doutrina oficial. Mesmo indo a escola, seu pai conseguiu desconstruir os conceitos que tentavam lhe impor. O tempo vago que devia ser preenchido com as micro telas e suas programações, era para conversarem. Elas ficavam ligadas apenas para detectarem seu uso. Como seu pai não tomava as medicações, conseguiu educar Gabriel para não se enquadrar. O pai dele era muito criativo e arranjava artimanhas para driblar a vigilância que não parava de crescer. Conforme fui me aproximando de Gabriel, ele foi me lembrando das histórias que o senhor mesmo me contava na minha infância, quando ainda não estava impregnado de medicações e tecnologia. Aos poucos ele ia me passando os placebos para que eu tomasse no lugar dos tais remédios. Isso foi abrindo minha mente. Um dia pegaram o pai de Gabriel. Descobriram algumas das que ele fazia para driblar o sistema e a vigilância pesou. Acabaram descobrindo que ele fazia parte da guerrilha que se formou durante a fase de reconstrução da resistência. Gabriel conseguiu fugir. Ele também fazia parte do combate a toda essa tirania e o sistema já sabia disso. Embora tomássemos o máximo de cuidado para nos comunicar, não era muito difícil que a vigilância extrema a que estávamos submetidos nessa época descobrisse vínculos de amizade em uma sociedade onde as pessoas mal se falam. Assim eles me descobriram e Gabriel conseguiu me trazer para este lugar antes que me pegassem.

- É assim que essas pessoas agem. Vão influenciando devagarzinho e quando você vê já está envolvido... Me faz lembrar a época das drogas. Era assim que os traficantes faziam.

- Pai, agora é a época das drogas. A grande época das drogas oficiais. Somos obrigados a tomá-las por toda nossa vida. Tente lembrar como tudo isso começou. Sempre houve uma classe dominante. Impérios foram erguidos sobre a miséria alheia. A submissão tornava esse tipo de coisa possível. Uma minoria cheia de privilégios sempre pensava em algum jeito de dominar a maioria, transformando essa maioria em engrenagens para mover a máquina social. Várias formas de ditaduras foram tentadas. A cada formato experimentado, as técnicas eram aperfeiçoadas. Aos poucos foram chegando ao ponto de mandar como quem pede, explorar como quem ajuda. O caminho era através da mente. As guerras ficariam apenas para os incorrigíveis e seriam pintadas como se fossem formas de proteção. Proteção contra inimigos inventados. Estes inimigos, na verdade, eram pessoas que conseguiam fugir das garras do sistema.

- Isso não faz o menor sentido...

- Abra sua mente. Tente lembrar.

- Lembrar do que?

- Do tempo em que eles começaram a manipular a opinião pública através da televisão. De quando começaram a sucatear a cultura, a informação, a educação. Não precisavam mais proibir os livros. Descobriram que era mais simples fazer as pessoas ficarem burras ao ponto de não conseguirem ler. O prazer momentâneo era o que fazia a vida valer a pena e esse objetivo só seria conquistado através do consumo. Tudo em excesso. Quanto mais tivesse, mais queria. A tecnologia dominando tudo. As novidades que vinham para agilizar sua vida e dar mais tempo vago, sugavam todo o tempo. O computador virou o oráculo moderno. Sempre consultado, o

senhor de todas as respostas. E quem colocava estas respostas ali? Alguns focos de resistência digital se formaram. Tentavam usar estes meios para denunciar o que estava acontecendo. Mas estes eram soterrados por diversas formas de distrações que criavam verdadeiros labirintos digitais. Novas formas de controle surgiram. Notícias falsas promoviam confusão e colocavam em cheque os que realmente estavam na luta por uma alternativa. O sistema sempre foi muito esperto e estava de olho em tudo o que acontecia. Potencializaram a guerrilha digital, esvaziando as ruas. As pessoas deixavam de se encontrar para ficar conversando ou debatendo através do computador. Depois criaram um computador que você pudesse carregar daqui para ali. Primeiro vinham acoplados nos aparelhos celulares, depois a função telefone foi excluída, deixando apenas as máquinas e seus programas controlando suas vidas. Burocratizaram a produção de conteúdo nos meios digitais até esta produção virar propriedade do Salvador do Bem e sua equipe. Nesse ponto não haviam mais debates ou conversas, apenas absorção de idéias prontas. As pessoas foram se tornando desnecessárias. Você iria interagir direto com o computador. O princípio do processo foi lento, nem dava para perceber. A ideia foi sendo implantada com todo cuidado. Cada novo passo dado vinha travestido de grande novidade da qual ninguém poderia ficar de fora. E quanto mais novidade, maior necessidade de consumir e para isso, mais tempo trabalhando e menos vivendo. Paralelo a estes acontecimentos, o medo e o pânico tomando conta de tudo. As ruas cada vez mais desertas, o contato pessoal diminuindo ainda mais, desaparecendo, as pessoas realmente não saíam mais de casa. Para controlar os que conseguiam escapar dessa rede que se formava, vieram os medicamentos que deveriam ser tomados a todo instante. Houve um ponto em que o processo acelerou e a partir daí tudo aconteceu rápido demais. Parece que acontecia tudo junto. Fomos nos afastando dos nossos. Mesmo com as medicações para controlar impulsos, vontades, desejos, ficava uma lacuna a ser preenchida. A velha síndrome do arrebanhamento. Aí entra O Salvador do Bem com seu discurso cheio de obviedades funcionais. Nesse ponto, as medicações substituíam até a comida. Foi fácil virar líder de um exército de zumbis carentes de um gigantesco pai herói. Hoje, ele é Deus.

- As medicações vieram para conter as epidemias. Foi fruto de muito esforço e pesquisa de grandes homens.

- De onde vieram as epidemias? Como surgiram?

-

- A indústria de alimentos trabalhando junto com a indústria farmacêutica. Tudo planejado. Por isso é um sistema. São cadeias de fatores que se conectam até todos os elos das correntes que nos prendem estarem bem unidos e fortes.

- E sua mãe? Você a trouxe também?

- Não. Aconteceram algumas coisas que mudaram nossos planos.

- ...

- A vigilância sobre vocês estava mais intensa que podíamos supor. Eles capturaram mamãe. Enviaram suas bestas feras para pegá-la em casa. Acreditam que ela esteja envolvida com a resistência. Gabriel estava vigiando, tentou interferir, mas foi abatido. Agiu de forma imprudente. Não tinha chance. Estamos estudando uma forma de libertá-la, mas não sei se conseguiremos.

- A polícia pegou Cleonice? - Amaro levantou sem saber para que lado caminhar. Passou a mão pela cabeça com ar desesperado. - Não é possível. Nada disso faz sentido.

Cleonice estava presa na cama, vestindo apenas um fino avental. Usava a pouca força que tinha disponível para tentar se soltar. Doutor Figo e seus assistentes estavam a sua volta. A roupa hospitalar só deixava ver os olhos dos assistentes. A vestimenta do médico era diferente e deixava o rosto livre. A paciente olhava para todos assustada.

- Por favor, me solta. Já falei que não sei nada disso. Trabalho na...

O médico fez sinal para que Cleonice se acalmasse e aproximou seu rosto ao dela.

- Por mim, tudo bem, dona Cleonice. Sabemos em que a senhora trabalha, assim como toda sua rotina. Existem apenas alguns detalhes que por algum motivo fugiu aos nossos olhos. Vocês, terroristas, são muito espertos.

-Digo a verdade. Precisam acreditar em mim.

Doutor Figo solicita o Soro para um dos seus assistentes. Este lhe passa uma seringa. O médico olha com atenção para o líquido que a preenche e depois volta a olhar para Cleonice. Dá uma tossida e começa uma explicação sobre o procedimento que será realizado.

- Apesar de todo avanço que temos conseguido na indústria farmacêutica, existem alguns processos que ainda estão em andamento. Entre as pesquisas ainda não concluídas está a relativa ao Soro da Verdade. Os estudos sobre o Soro da Verdade começaram há muito tempo, nas antigas grandes guerras. Atualmente chegamos a esta composição que iremos aplicar no seu braço. Embora não seja infalível, tem demonstrado bons resultados. Infelizmente oferece certo desconforto ao paciente. Dores de cabeça, náuseas... Mas acredito que muito em breve chegaremos ao resultado que desejamos. Interessante como certos objetivos são mais complexos que outros para serem atingidos de forma satisfatória. Já conseguimos chegar a tantos resultados, mas retirar uma verdade que o indivíduo insiste em ocultar é tão complicado. Tudo uma questão física e química. Nada que esforço e pesquisa contínua por parte de nossas incansáveis equipes não consigam, mais cedo ou mais tarde, sanar. Aconselho que não resista aos efeitos do Soro, pois quanto mais tivermos de aplicar, maiores serão os efeitos colaterais. Antecipo que eles demoram bastante a passar.

O sorriso de dentes branquíssimos do Doutor, junto a sua pele rosada, dava um aspecto assustador a cena. Cleonice tentava reagir, mas não havia o que pudesse fazer.

Cui estava deitado, cansado, mas não conseguia dormir. Virava-se, tentava manter os olhos fechados... Sentou com um impulso. Estava abafado, quente. Muita coisa rondando a cabeça. Saber é algo aterrador, sufocante, claustrofóbico. Nesses momentos, tinha saudades dos tempos de alienação, quando não precisava pensar. Era mais fácil. Lembrou de sua primeira conversa com Paulo.

- Você tem certeza que deseja saber a verdade, Cui?

- Claro.

- Por vezes a ignorância pode tornar a vida mais confortável. Ser idiota é como viver em uma miragem.

- Não quero me satisfazer com a ilusão. Preciso saber a verdade, o que realmente acontece.

- Você realmente está preparado?

- Preciso e quero.

- Precisar e querer são coisas diferentes e nem sempre estão juntas.

- Mas eu preciso e quero.

- Certo. Queria apenas dar uma opção, pois uma vez que você desperta, não consegue mais voltar atrás. Pode até tentar fingir que está tudo bem, mas não vai conseguir. A certeza se vai e a dúvida sempre o acompanhará. Nunca mais será tão fácil aceitar as verdades postas a mesa ao descobrir que tudo em que acreditou até hoje é mentira. Abrir a mente é para quem quer duvidar, para quem quer viver com as perguntas, não com as respostas. É para quem quer realmente ampliar a visão ao invés da facilidade, do comodismo de uma receita de bolo. O mundo não será apenas a volta do seu umbigo, como vinha sendo até hoje. Será como morrer para renascer. A Fênix.

- Quem?

- Não importa. O importante é saber que você não estará indo para um piquenique no bosque, mas para uma guerra. Repito que não há como retroceder. Conforto nunca mais.

- Olha aqui... Me esforcei bastante para conseguir esse contato. Falaram que viria um tal Gabriel e aparece você. Estou há um tempo sem as medicações e já descobriram. Estão atrás de mim. Querem me mandar para a Clínica de Terapia Intensiva.

- Foi Gabriel quem te enviou até aqui. Ele não veio porque está em outra missão. Ele me ensinou o bastante para que eu desse os primeiros passos. Hoje ando sozinho. Meus olhos já não estão fechados. Não preciso mais de um guia.

- O cara que mandou vir até aqui encontrar com Gabriel, era o próprio? Então porque não disse logo que ele era Gabriel e que eu viria encontrar você?

- A princípio ele pensou em vir te encontrar. Não se identificou de imediato por estar muito visado, com muita gente no rastro. Aconteceram algumas situações e vim no lugar dele. As coisas são muito dinâmicas por aqui.

Parecia estar vendo o sorriso de Paulo novamente na sua frente.

Cui se abaixou em frente a cama e meteu a mão por baixo. Tirou um saco que estava escondido ali. Balançou o saco diante de seus olhos, observando as medicações dentro dele. Aquele balançar hipnótico o levava longe dali. Ouviu a voz de Paulo vindo de suas lembranças.

- Como está hoje? Sente menos confusão?

- Certas coisas ainda não consigo entender.

- Talvez já tenha entendido, mas não queira aceitar.

- Quanto tempo você levou para entender tudo?

- Cada um tem seu tempo. Depende de muita coisa. Você ainda está sofrendo muito com a abstinência. Quando vim para cá, me esconder neste subterrâneo, já estava desintoxicado e Gabriel tinha me ensinado muita coisa.

- Mas não tomo medicação há...

Pode rever aquele gesto duro de Paulo, enquanto olhava para o fundo de seus olhos.

- Não minta. Sei o que esconde em baixo de sua cama.

- Por vezes não consigo controlar e cabo tomando um para...

- Não se iluda, meu amigo. Perguntei em nosso primeiro encontro se você queria sair da ilusão e você disse que sim. Eu falei que não seria fácil.

- Eu sei.

- O que aconteceu com sua determinação?

- Não sei.

- Pare de perder tempo. Lembra que não tem como voltar atrás? Eu também avisei. E mais uma coisa: Eu ainda não entendi tudo. Na verdade, entendi muito pouco ou quase nada. Nunca conheci alguém que tenha entendido tudo. Quando alguém vem com essa história, fico alerta.

Cui fechou o saco de remédios com força na mão enquanto via Paulo parado a sua frente durante aquelas lembranças.

- Pare de perder tempo. Amanhã começará o treinamento para sua primeira missão. O tempo para um bom desempenho só dependerá de você.

Indo até a pia, Cui rasgou o saco e jogou os comprimidos pelo cano. Pegou a jarra com água sintética que estava apoiada em uma prateleira onde, em outros tempos, teria uma torneira, colocou um pouco na boca, bochechou e depois cuspiu. Recolocou a jarra no lugar e olhou para o espelho.

- Senhor.
- Estou ocupado.
- Desculpe entrar assim em seu escritório, mas chegaram os relatórios sobre os satélites que deveriam ter registrado a tempestade eletromagnética e avisado a Expedição Terra 2, dando tempo para se proteger adequadamente.
- O velho general tirou os pés de cima da mesa e pousou o copo no braço da cadeira.
- Qual o motivo da falha?
- Não existiu falha.
- Como assim? Então porque os satélites não emitiram o alerta?
- Porque não existiu tempestade.
- O general jogou o copo que explodiu na cabeça do andróide subordinado. A máquina inclinou a cabeça para trás, depois veio trazendo o crânio para a posição normal. A camada de pele sintética foi danificada.
- Malditos andróides! Diga logo o que aconteceu!
- Estamos supondo que um vírus infectou a Expedição e simulou a tempestade para ganhar tempo enquanto contamina todo o sistema. Seria uma forma de manter o computador da Expedição, seu sistema operacional e os robôs ocupados. Uma distração. O vírus precisa de tempo para corromper todo nosso sistema cuidadosamente elaborado para...
- O General levanta, jogando a cadeira para trás.
- Como esse vírus penetrou em nosso sistema?
- Existem algumas hipóteses. A que parece mais provável até o momento é a de termos um terrorista infiltrado em nossa base.
- Conseguiram novo contato com a Expedição?
- Ainda não.
- O andróide fica olhando o general transtornado.
- Então suma daqui. Mande que continuem tentando contato.
- O senhor não parece bem, General. Tem tomado seus remédios? E... Não quero ser inconveniente, ou duvidar de sua integridade, mas isso que está no seu copo não seria alcoólico, não é mesmo? Afinal, bebidas alcoólicas não são mais fabricadas desde a proibição e...
- O general descarregou sua pistola na cabeça do andróide.

- E o que conseguiu descobrir, meu caro Figo.
- Ela não sabe nada.
- Como poderia afirmar isso com tanta certeza?
- Usamos a quantidade máxima do Soro. O corpo não suportaria mais.
- Doutor, o senhor tem certeza que conseguimos chegar a uma fórmula eficaz? O senhor diria que o Soro da Verdade que temos hoje é infalível? O senhor apostaria sua vida nisso?

Doutor Figo se levanta, tosse e volta a olhar para o holograma do Secretário do Serviço de Inteligência.

- O senhor Secretário sabe que não poderia garantir tal coisa. Ainda estamos em fase de testes e...

- E o senhor sabe que existem forças, como os militares, que gostam das coisas do jeito antigo. Por eles, os antigos processos de interrogatórios ainda estariam funcionando.

- Pensei que já tivéssemos chegado a conclusão que não temos mais espaço para práticas bárbaras como a tortura física. Que o progresso teria se mostrado mais funcional que o atraso, que o retrocesso.

O holograma do Secretário se debruça sobre a mesa.

- Estamos em uma situação de emergência. Os terroristas estão cada vez mais audaciosos. Não sabemos ao certo até onde podem chegar. Acabo de receber uma mensagem sobre uma possível infecção de vírus no sistema da Expedição Terra 2.

- Impossível.

- O senhor sabe o que isso significa, meu caro Figo? Os recursos naturais do nosso planeta estão chegando ao fim. Não temos como continuar habitando essa bola cancerosa por muito tempo. O projeto Terra 2, aparentemente, conseguiu criar o ambiente perfeito para nossa sobrevivência no pequeno planeta que até então nos havia passado despercebido. Essa expedição levaria um humano até lá e poderíamos ver, pela primeira vez, como uma cobaia humana realmente se comportaria no ambiente criado por lá. E o que acontece? Os terroristas estão muito mais adiante do que imaginávamos. O senhor acha que, no colapso em que nos encontramos, temos tempo para esperar? Temos tempo para testes e experimentos? Sabe quanto custou todo o projeto Terra 2 até o momento? Utilize os aparelhos de tortura psíquica ou a tortura química...

- Desculpe, mas não chamamos de tortura. Chamamos de equipamento de...

- Chame como quiser, Figo. Não importa! Você tem vinte e quatro horas para apresentar algum resultado satisfatório.

- Precisaria de um pouco mais de tempo para desintoxicá-la. Do jeito que ela está, é arriscado. Usamos uma grande quantidade do Soro.

O holograma aponta seu dedo indicador e apresenta uma expressão ameaçadora. Doutor Figo recua alguns passos entendendo estar em uma posição delicada.

- Nem pense em perder esta prisioneira. Vinte e quatro horas é o tempo máximo que poderia lhe dar. Não tem como ser um minuto a mais. Caso não consiga progresso, os militares virão assumir os interrogatórios e começaremos a repensar o investimento em certas pesquisas.

Holograma desligado. Doutor Figo olhando para a sala vazia.

Amaro passou a noite em claro, no mesmo quarto em que tinha acordado depois da primeira semana de desintoxicação. Comeu um pouco do caldo que lhe havia sido oferecido. Tentou abrir a porta, mas estava fechada. Tentou arrambar, mas ela foi aberta e um homem armado apareceu perguntando se precisava de algo. Era um homem alto, de ar sombrio. Amaro tentou questionar, dizer que não tinham o direito de mantê-lo preso... De nada adiantou. O homem limitou-se a lembrar que Paulo já conversara com ele e que pela manhã viria buscá-lo. Disse se chamar Durval e que poderia solicitar se precisasse de algo.

- Quer mais um pouco de caldo?

- Não. Lembro de você, só não sei de onde.

- Nos vimos cedo, quando Cui o levou até Paulo. Paulo é uma boa pessoa. Por mais jovem que seja, sabe mais que a maioria. Deve se orgulhar de seu filho. É um guerreiro corajoso.

Durval fechou a porta novamente e Amaro chutou a vasilha com o resto do caldo. Encostou na parede e escorreu ao chão, sentando em um canto. Tentou encontrar algum sentido em toda aquela loucura. Depois de um tempo que não saberia determinar a extensão, a porta novamente abriu. Paulo e Cui entraram. Amaro levantou devagar, escorado na parede, olhando para os dois.

- Como passou a noite, pai?

- Como um prisioneiro.

- Soube que tentou sair. Por enquanto temos de fazer dessa maneira para a segurança de todos. Você logo vai entender. Também não consegui dormir. Fiquei imaginado uma forma de fazê-lo entender. Vamos adiantar o processo levá-lo até uma pessoa que pode dar maior credibilidade a tudo que já lhe foi dito.

- Não quero ver ninguém. Quero voltar para minha vida tranqüila, longe de tudo isso. Se quiser se destruir, faça sozinho. Deixe sua família longe disso.

- Não quer ver ninguém, mesmo sabendo que essa pessoa que você está prestes a encontrar é sua irmã desaparecida?

- Maria?

- Sim. Tia Maria foi resgatada das clínicas onde são feitas lavagens cerebrais nas pessoas que o sistema considera inadequadas ao convívio social. Depois de se apresentar algumas vezes para o Programa de Reciclagem Cidadã, ainda não estava bem enquadrada no esquema. Decidiram levá-la para internação. Uma de minhas primeiras missões foi de resgate de alguns militantes que estavam trabalhando infiltrados e foram descobertos pelo Serviço de Inteligência. Estas pessoas tinham informações importantes e, por mais que a missão fosse arriscada, não poderíamos deixá-los para trás. Ao passar pela ala de pacientes de menor risco, a avistei e trouxe com a gente. Atualmente atua em um importante setor.

- Maria nunca se envolveria nisso. Não posso acreditar em tal história.

- Tinha programado esse encontro para mais tarde, mas resolvi que seria interessante antecipá-lo. Venha com a gente e veja com seus próprios olhos. Deixe que ela mesma te conte.

Amaro saiu do quarto. Paulo tocou em seu ombro, indicando que devia seguir os passos de Cui, que assumiu a dianteira.

...

Caminharam em silêncio durante algumas horas. Paulo ofereceu uma barra de nutrientes para o pai.

- Coma de vagar. Seu estômago tem de se acostumar aos poucos.

- Quanto tempo ainda falta?

- Estes subterrâneos se estendem por toda cidade e para além dela. Estamos indo para um local fora do controle do sistema.

- Isso não é possível. O Salvador do Bem controla tudo. Só assim pode manter-nos seguros.

- Seguros? Seguros contra o que ou quem? Controla? Então como estamos aqui todo esse tempo? Nosso ponto de chegada será em um antigo depósito de lixo na superfície. Era ali que se jogava o lixo antes da criação dos grandes incineradores. Ao perceber o início do colapso

em nosso planeta, eles tentaram sumir com o lixo que se acumulava por toda a parte, mas não se pode anular tamanha destruição. Os antigos depósitos foram fechados e as cidades se afastaram deles. Não viram necessidade de vigiar estes lixões por considerarem muito extremos para virarem esconderijos. Esqueceram que o ser humano se adapta a qualquer coisa. Mesmo levando os antigos catadores de lixo para as clínicas, e alguns tidos como incorrigíveis para as prisões, verdadeiros campos de extermínio, conseguimos descobrir maneiras de sobreviver naquelas condições adversas. Um antigo catador que conseguiu escapar dos organismos repressores nos ajudou muito nesse processo.

- Pensei que estávamos indo ver sua tia.

- Estamos.

- Maria não ficaria em ambiente tão repulsivo.

- Tia Maria se mostrou uma guerreira de extremo valor, capaz de fazer qualquer coisa pela revolução.

Amaro demonstrou cansaço e Paulo achou melhor pararem para descansar um pouco. Cui fez uma vistoria na área e encontrou um caixote de madeira que serviu como banco para Amaro. Paulo e Cui sentaram pelo chão, nas margens do riacho de esgoto que passava lentamente. Um rato morto passa boiando.

- Nem os ratos estão conseguindo sobreviver. Sente o cheiro que sai dessa água?

- De água isso não tem nada, Cui. Mais a frente pegamos o desvio onde entraremos por corredores secos. Deixe só meu pai descansar um pouco as pernas. Ainda não está pronto para tamanha caminhada.

- Acho melhor levá-lo até o desvio e descansarmos depois que passarmos dele. Ficar respirando tão perto dessa... dessa coisa... não é aconselhável.

- Tem razão, Cui. Vamos, pai. Temos de andar mais um pouco. Vamos te ajudar.

- Desculpe, General, mas o Secretário deseja falar com o senhor.

O velho general levanta com ressaca. Olha para o robô parado a sua frente e pede que avise ao Secretário que retornará a chamada assim que possível. O robô avisa que o Secretário se encontra pessoalmente esperando na sala.

- De que Secretário estamos falando, seu monte de lixo?

- Do Secretário do Serviço de Inteligência, General.

- Merda! Avise que já estou indo.

...

- Desculpe acordá-lo, General.

- Não tem problema. Já estava de pé me exercitando. – O General senta passando a mão no rosto, pensando se ainda está com a cara amassada. Olha para os dois andróides seguranças que acompanham o Secretário e depois volta para ele. Observa aquele homem ainda jovem, com um cargo tão importante em mãos. Pensa não ser a toa que o mundo anda de cabeça para baixo.

– Mas o que traz o senhor aqui?

- Estamos com sérios problemas.

- Estamos tentando contato com a Expedição Terra 2...

- Esse é apenas um dos problemas. A essa altura o vírus já deve ter conseguido romper nosso sistema de segurança e a expedição deve ser mais um lixo espacial. Passei pela base e os homens já estão trabalhando para que o vírus não tenha entrado em nossos computadores durante os contatos feitos.

- E nossa última prisioneira? Sabe de alguma coisa?

- Figo não conseguiu tirar nada dela.

- Aquele parasita incompetente... Intelectualzinho de merda...

- Dei a ele 24 horas e, quando fui procurá-lo hoje, não consegui localizar. Já temos unidades designadas para sua busca e captura. Acho que temos nosso primeiro suspeito.

- Miserável. Ele é o infiltrado responsável pelo atentado a expedição.

- Podemos dizer que é suspeito.

- Por qual outro motivo iria fugir? E a prisioneira?

- A partir de agora está sob sua responsabilidade. Os interrogatórios ocorrerão sob a tutela militar. Temos de selecionar um especialista que consiga retornar o mais rápido possível.

- Tenho o homem certo para isso. Carcará.

- O sádico?

- É um excelente profissional. E o marido que havia desaparecido?

- Ainda nenhuma notícia de Amaro. Estivemos na fábrica de robôs e soubemos que ele estava apresentando comportamento inadequado. No dia da explosão em frente a fábrica, estava participando da reciclagem. Seu chip rastreador foi neutralizado. A última localização foi na estação do seu trabalho, esperando o transporte em direção a sua casa. – Um dos andróides seguranças entrega uma tela que passava a filmagem da estação lotada. Uma pequena marca destaca Amaro entre os demais. – Observe que mesmo estando lotada, conseguimos localizar nosso homem. Veja uma segunda marca em outro homem que se aproxima. Vê o que acontece quando ele encosta em Amaro?

- Parece que Amaro desmaia e o homem o sustenta antes que ele caia. Quem é esse?

- Ainda não conseguimos identificar. Ele toma cuidado o tempo todo para não ficar de frente ou mostrar completamente o perfil para nossas câmeras. Seus movimentos são estudados e sabe exatamente a localização de nossas câmeras. Não comete uma falha sequer ao se movimentar. Vê como ele carrega Amaro? Parecem até estar caminhando lado a lado, espremidos pela multidão que se aglomerava na plataforma. – O Secretário já estava ao lado do Coronel. - Observe agora. Viu como rapidamente mergulham no túnel?

- O chip já estava neutralizado nesse ponto?

- Foi neutralizado no momento em que o homem encostou nele. Estamos trabalhando com a possibilidade de uma descarga elétrica aplicada no ponto exato para desacordar Amaro e neutralizar o chip. Graças ao sistema de câmeras recém instalado nas plataformas de embarque e

desembarque podemos identificar humanos de não humanos e por isso afirmar que nosso sequestrador é um homem.

- Um sequestrador... Então o tal Amaro não foi de livre e espontânea vontade. Isso quer dizer que ele não é um terrorista. De acordo com a filmagem, o trem passa pouco tempo depois. Eles devem ter entrado por uma passagem perto dali. Não tiveram muito tempo.

- Não afirme as coisas assim, General. As possibilidades vão muito além do que pode parecer a primeira vista. Já temos homens pesquisando a área para tentar encontrar alguma passagem.

- Isso tem de ser prioridade.

- Isso é uma das prioridades. – O Secretário voltou lentamente para o sofá onde estava sentado e cruzou as pernas. – Encontramos um sinal não autorizado de computador sendo usado. Estamos tentando rastreá-lo. Isso não é algo muito fácil, já que o sinal tem bloqueios e desaparece constantemente, se perdendo entre os milhares de sinais autorizados. Caso consigamos encontrar de onde parte, teremos algo interessante. Até porque parece ser um sinal emitido por computador fixo. Já temos uma área delimitada. Temos de ir delimitando cada vez mais quando o sinal reaparecer, até determinar o ponto exato.

Durval treinava no simulador de infiltração e espionagem, quando foi interrompido.

- Durval?

- Oi, Cíntia. O que faz por nossa pequena célula?

- Temos uma visita inesperada.

- ...

- O Doutor Figo.

- Você está falando do cientista chefe dos programas governamentais? Você não pode estar falando sério. Como ele chegou até aqui?

- Estava vagando pelos túneis e foi pego pelo pessoal que fazia a ronda. Estava bem próximo da nossa sede. Foi afastado dela e trazido para cá. Melhor termos esse tipo de prisioneiro em uma de nossas células que na sede.

- E o chip?

- Não estava chipado.

- Tem certeza?

- Sim. Checamos cuidadosamente por várias vezes.

- Já conseguiram alguma coisa?

- Disse apenas querer falar com Gabriel. Alegou ser um infiltrado.

- Pode ser. Não sabemos quem são todos os infiltrados. Onde ele está?

- Na sala de interrogatórios. Após os procedimentos preliminares, pedi que o levassem até lá e vim conversar com você sobre. Já comuniquei a sede a respeito e esperam um retorno.

- Vamos falar com Paulo e depois com ele. Talvez Gabriel tenha informado a Paulo se Figo estava realmente do nosso lado.

- Então é assim que vocês pensam em construir um mundo melhor, Paulo? Eles conseguem encontrar um planeta que pode nos proporcionar melhores condições e vocês sabotam a iniciativa.

- Obviamente, pai, não pensavam em levar a todos. Apenas a elite iria. Claro que levariam alguns subalternos para fazer o serviço pesado, o operacional. O instinto parasita da elite, desde sempre, nunca permitiu que trabalhassem de verdade. Sempre viveram as custas da massa alienada. Montariam uma sociedade para poucos. Os desafortunados seriam apenas em número suficiente para o trabalho duro. Os demais ficariam morrendo aos poucos aqui.

- Isso tudo é muito fantástico para ser verdade. Não sei como pode acreditar nestas ideias.

- Não é questão de acreditar, mas de constatar. Temos pessoas lá dentro nos passando relatórios. Por mais que estejam construindo uma teia difícil de escapar, ainda existem os que percebem todo o truque e preferem participar da mudança a continuarem acomodados na ilusão.

- E por que está me contando isso?

- O senhor queria saber o motivo de termos trazido você até aqui. O motivo é esse. Precisamos de pessoas confiáveis para trabalhar com a gente. Seu conhecimento adquirido na fábrica de robôs pode nos ajudar bastante em futuras ações. Será bom ter um especialista em máquinas como o senhor com a gente. Ações como essa que acabei de contar, seriam muito difíceis de serem postas em prática sem a ajuda de infiltrados e estes infiltrados muitas vezes não tem o conhecimento necessário para atuar em todas as frentes. Por vezes eles usam o corpo e nós já passamos tudo mastigadinho, só para executarem. Nosso infiltrado no caso que lhe contei, por exemplo, não conseguiria criar um vírus tão potente, mas um de nós tinha esse conhecimento e passou o vírus pronto para ser instalado. Ele só introduziu o vírus no sistema operacional da expedição. Se conseguirmos resgatar mamãe, teremos seu conhecimento em máquinas somado ao dela em programas. Tem idéia do que será isso? Sem falar que poderemos voltar a ser uma família. Lutaremos em família por um mundo diferente, onde as pessoas possam pensar fora da caixa sem ter de sofrerem sanções por isso.

Amaro diminui o passo, demonstrando cansaço.

- Podemos parar mais um pouco?

- Já estamos quase chegando. Aguenta firme.

Cui para de andar. Paulo para ao seu lado e pergunta o que foi. Amaro vê o pequeno aparelho que Cui retira do bolso. Parece um antigo modelo de comunicador. Paulo e Cui Lêem a mensagem que aparece escrita na pequena tela. Amaro tenta ver do que se trata, mas os dois se posicionaram de forma que ele não conseguisse ler.

“Doutor Figo, cientista chefe dos programas governamentais, foi pego transitando nos túneis perto da sede. Diz ser um infiltrado e estaria procurando por Gabriel. Cíntia o trouxe com alguns homens que estavam fazendo a ronda e o encontraram. Estão aqui na célula 3. Tentamos entrar em contato com o comunicador de Paulo, mas este não está oferecendo possibilidade de contato. Vocês ainda estão juntos?”

Paulo Confere seu comunicador e vê que realmente está desativado. Joga o aparelho contra a parede e pega o de Cui. Começa a digitar:

“Aqui é Paulo. Já se apresentou a ele?”

Após curto tempo, aparece escrita a resposta de Durval:

“Não. Queria falar com você antes.”

“Diga que Gabriel morreu em uma operação e que você está no lugar dele. Cuidado. Ele não é confiável. Gabriel ajudou o filho dele que estava tendo problemas com o sistema. O tal filho começou a perceber como as coisas funcionavam e parou de tomar as medicações. O sistema tentou enquadrá-lo, mas nada funcionou. Ele era incorrigível. Muito esperto para ser apenas uma engrenagem. O Doutor descobriu que o filho havia se unido ao movimento e tentou se aproximar. Gabriel resolveu aproveitar a situação, mas nunca confiou inteiramente nele. Vá extraindo o que puder e não deixe que saia. Mantenha-o sob vigilância.”

Ao levantar a cabeça, Paulo se depara com o pai observando o comunicador que havia jogado contra a parede. Amaro segurava o aparelho nas mãos, olhando com interesse.

- Impressionante. Pensei que não existissem mais desses.

- São eficientes mesmo nestes subterrâneos e não é possível rastreá-los. O problema é quando param. Não existem mais peças. Tentamos utilizar as peças dos que davam algum problema. Abríamos e tentávamos aproveitar o que servia. Mas o caso se repetia nas mesmas peças. Coisa feita para quebrar mesmo. Já haviam começado com o processo de obsolescência programada muito antes do início da produção destes comunicadores.

Cui aproxima a boca da orelha de Paulo e fala em tom de voz baixo:

- Como vamos resolver isso?

- Volte e tente descobrir o que seu pai está tramando. Gabriel nunca diria a ele onde fica a sede da resistência. Como ele sabia? Estava passeando pelos subterrâneos e passou perto por acaso? Difícil acreditar. São muitos caminhos, um verdadeiro labirinto de túneis. O pessoal já deve ter conseguido tirar algo dele até você chegar. Converse com Durval antes de se mostrar. Cuidado. Sabe o quanto ele é perigoso.

- E vocês?

- Já estamos quase lá. Não se preocupe. Acho que você está preparado para interrogar alguém do outro lado. Não deixe que ele use o vínculo de vocês de forma que te desestabilize. Não entre no jogo que ele apresentar. Mesmo tendo colaborado em alguns pontos com nossa causa... Você sabe. Não dá para acreditar muito. Pode ser algum esquema. Lembre-se do jogo de xadrez. Seja um bom jogador a cada passo que der. Pense no próximo movimento do oponente antes de pensar no seu. Acha que consegue?

- Claro.

Amaro desiste de montar o parêntese que se abriu no impacto com a parede, mas o guarda no bolso.

Cleonice chegou ao prédio dormindo. Foi retirada de sua prisão anterior dopada, em uma ambulância, como uma paciente em transferência. Chegando naquela antiga instalação militar, o efeito sonífero do tranquilizante estava passando. Foi atirada em uma cela imunda. Algum tempo depois, foi levada até aquela sala, onde estava agora.

Retiraram uma espécie de fronha de travesseiro que cobria o rosto de Cleonice. O pano preto de que era feita não deixou a prisioneira ver o caminho de sua cela até o lugar onde estava. Foi arrastada a base de chutes e socos até ali. Era uma sala feia e escura. Estava amarrada em uma cadeira, completamente nua. Sentiu rasgarem o fino avental após entrar naquele lúgubre ambiente. Tentou resistir, mas um soco na barriga tirou suas forças. Nesse momento a sentaram, amarrando seus punhos nos braços da cadeira e os tornozelos nas pernas da cadeira.

Carcará saiu da escuridão e se apresentou. Disse estar ali para ajudar. Dois homens grandes e musculosos apareceram por trás.

- Dona Cleonice, a senhora não quis colaborar com o Doutor Figo. Não a culpo. Nunca acreditei nos métodos científicos de interrogatório. Tenho minha própria ciência.

- Por favor... Isso é um engano... Sempre fui uma cidadã de bem... Sempre colaborei com o sistema na criação de um novo mundo...

- Então continue colaborando e diga tudo o que sabe para mim. Assim que o General entrou em contato, fui correndo buscá-la. Não temos tido grandes movimentações nesse prédio e não gostamos de perder a oportunidade de colocar um pouco de vida nele.

Durval andava pela sala. Doutor Figo permanecia sentado, acompanhando o movimento do outro com os olhos.

-Então o senhor acredita que está correndo perigo e veio procurar proteção com a gente?

- É exatamente isso. Já relatei o caso várias vezes. Os militares estão de olho em mim. Estão esperando uma oportunidade para me derrubar. Por dentro, o sistema não é harmônico como gosta de aparentar. Existem disputas de poder e vaidades. A sabotagem da Expedição Terra 2 deixou todos tensos e se criou a oportunidade perfeita para certos movimentos internos.

- O sistema sentiu o golpe. Estavam pensando que após parasitarem todo o planeta iriam deixar a população morrendo como vermes nos destroços em que transformaram isso aqui, enquanto partiriam para o paraíso artificial criado em outro lugar.

- É um jeito de ver as coisas.

- É como as coisas são.

- Escuta... Fiz tudo o que pediram. Colaborei com vocês.

- Colaborou com a causa. Não é pessoal. É por uma ideia.

- Como preferir. Só o que estou pedindo é que me deixem por aqui. Se me encontrarem...

- Como o senhor sabia para onde se dirigir nesse complexo labirinto que é o subterrâneo? – Durval se aproximou e curvou o corpo sobre a mesa para alinhar o rosto com o do Doutor. – Gabriel não entregaria nossa localização.

Doutor Figo levantou impaciente:

- Já lhe falei que não sabia exatamente onde estava indo. Existe um sinal de computador sendo rastreado e estudei as possibilidades da área apresentada. Já desconfiava há muito tempo que vocês ocupavam os subterrâneos, só não sabia por onde começar. Peguei a região rastreada e desci por um dos antigos buracos de esgoto ainda abertos. Já falei isso também.

- E não nos repassou a informação sobre o sinal rastreado.

- Foi tudo acontecendo junto. Não houve tempo. Só encontrava Gabriel, quando ele aparecia. Na verdade, ele me encontrava.

- Isso demonstra a falta de confiança no senhor.

- Assim, nunca chegaremos a algum lugar. Estamos andando em círculos. Estamos há horas aqui. Talvez já tenha passado o dia inteiro.

- Acho que podemos parar por enquanto. Descanse na cama que improvisamos no canto. Voltarei mais tarde.

- Não é possível. Há quanto tempo estamos nesse jogo sem fundamento? Já respondi todas as suas perguntas. O que você quer?

- Tente compreender, Doutor. Nossa situação é muito delicada. Temos de tomar cuidado.

- Mas essa já é a segunda sessão de interrogatório com você, sem contar com a primeira feita com a mulher que me trouxe.

- Lamento, mas ainda não foi o suficiente.

Ao se virar e se encaminhar para a porta, Durval parou e voltou levemente a cabeça para o Doutor. Perguntou se não havia algo que ele tivesse esquecido de mencionar.

- Não. – Respondeu o Doutor olhando para os panos que forravam o chão onde ia passar a noite.

Ao mesmo tempo em que sentia necessidade de chegar, Cui experimentava certo receio. Fazia muito tempo que não encontrava o pai. Não tiveram muito contato até então, pois o pai estava sempre envolvido com o trabalho científico. Nem durante a cremação da mãe pôde contar com o pai para confortá-lo.

“O grande homem da ciência não poderia perder tempo com assuntos menores, problemas familiares...”

Acelerava o passo sem chegar a correr, pois o caminho era longo e não podia se dar ao luxo de parar para descansar. Tinha de manter o ritmo.

Um soldado sai do buraco encontrado na plataforma da estação do trem sônico. Como o General desconfiava, ficava logo após o ponto onde o sequestrador e Amaro sumiram do campo de visão das câmeras.

- Senhor...

- Qual a situação, soldado?

- O lugar tem acesso para vários túneis e corredores. Dividimos os homens para vasculhar o maior numero de caminhos possíveis, mas novas passagens são encontradas. Não sabemos quanto tempo isso vai demorar.

- Não temos tempo, soldado.

- Mas, general...

O General faz sinal de impaciência. O soldado, depois de certo tempo sem saber o que fazer, volta para dentro do buraco. O General olha em volta. Todo o ambiente é movimento. Homens da inteligência, militares e policiais estudam a área de todas as formas e com toda a tecnologia possível. O General vira para o militar ao seu lado.

- Sargento... Teremos de pedir mais homens. Precisaremos também de mais robôs rastreadores. Traga os óculos de visão x que estão em teste. Olhar através das paredes será uma vantagem. Economizaremos tempo. Consiga isso o mais rápido que puder.

O militar pede licença e sai acelerado. O general pega o comunicador e se afasta dos demais.

O tampão se move no chão. Paulo mete a cabeça para o lado de fora e sai após rápida pesquisa de terreno. Olha para dentro e faz sinal para Amaro terminar a subida. Amaro vence os últimos degraus da longa escada de marinho e Paulo o ajuda a sair do buraco.

Avistaram as grandes montanhas de lixo subindo por trás dos muros que se apresentavam a menos de cinquenta metros de onde saíram. O cheiro já os atinge e as moscas já se fazem presentes. Paulo aponta, mostrando que devem seguir até o lugar.

- É para aquele lugar que estamos indo? Não é possível que Maria consiga viver em um lugar como esse.

- Venha. Não é tão ruim quanto parece. Após certo tempo, o cheiro já nem incomoda tanto. As moscas já são outra história.

Mal começam a andar em direção ao lixo, um modelo antigo de robô sentinela se aproxima veloz.

- Mas o que é isso? Olhe esse modelo. Parece ainda funcionar.

- Temos de aproveitar tudo que o sistema descarta. Não se preocupe. Tenho a senha de acesso.

- Parem onde estão ou terei de disparar.

- Acesso wsd1552

- Bem vindo, Paulo. Vejo que está acompanhado.

- É uma visita para Maria. Não se preocupe. Ght111.

- Tudo bem. Continuemos o caminho. – Disse o robô.

Ao chegarem ao portão, o leitor infra vermelho do robô ativa a velha tranca digital. O barulho indica o destravamento do acesso. O robô sentinela ficou do lado de fora. Amaro observa as montanhas de lixo e as estreitas vielas por onde caminham. Parou ao ouvir um estranho som que vinha de cima. Paulo olhou para a origem do som e gritou:

- Tudo bem. Sou eu. SSP883.

Um menino aparece descendo com agilidade de cima de uma das maiores montanhas de lixo, fazendo um barulho com a boca que era amplificado com um megafone.

- Só posso estar louco. Não existe outra explicação.

Murmurou Amaro ao ver várias pessoas, em sua maioria crianças e adolescentes, saindo de toda a parte e vindo na direção deles.

-Paulinho.

Ambos viraram ao ouvir a voz que chamava. Era Maria.

Carcará aprecia enquanto seus ajudantes amarram Cleonice no pau-de-arara. Quando ela estava bem posicionada, aproximou-se. Fez uma rápida explanação histórica sobre o aparelho e sorriu. Cleonice grunhiu:

- Por favor...

Cleonice quase não conseguiu falar. O som já saía com muita dificuldade. O corpo estava sujo de sangue e o rosto deformado pelas pancadas. Já tinha se urinado e defecado. Os bicos dos seios haviam sido arrancados, assim como algumas de suas unhas.

- Joga um balde d'água nessa relaxada. Detesto mulher suja.

Um dos ajudantes obedeceu as ordens de Carcará e jogou um líquido gelado e grudento que estava em um balde encardido. O outro entregou um cassetete nas mãos do chefe. Carcará se aproximou ainda mais.

- Se a senhora não quer colaborar, por mim, tudo bem. Temos muitos brinquedos aqui para usar.

Alguém bate na porta. Um dos ajudantes vai atender. Entreabre e fala com quem está do lado de fora. Fecha e vai até Carcará. Cochicha algo em seu ouvido. Carcará pensa um pouco e cochicha de volta no ouvido do ajudante que sai da sala. Volta para Cleonice e explica que o General fez contato e que está com pressa de receber as respostas. Cleonice chora baixinho, mas logo começará a gritar.

- Pega os fios. Vamos dar um pouco de energia para nossa visitante.

Durval acabava de enviar uma mensagem para Cíntia. Achava melhor pararem de usar o computador por enquanto. Cíntia já havia retornado a sede, onde teria uma importante reunião para traçarem novas estratégias. Ao começar a pensar se deviam continuar com o tal Doutor em sua célula, a porta abriu e Cui entrou por ela.

- Onde ele está?

- Na sala de interrogatórios. Não quer descansar ou comer algo antes de começar? Parece estar cansado.

- Não se preocupe. Me passe o que conseguimos até agora enquanto vamos a caminho da sala.

...

Doutor Figo estava deitado em sua cama improvisada, olhando para o teto, enquanto esperava começar uma nova sequência de perguntas. Ao escutar a porta abrir, sentou de um impulso. Não esperava ver o filho entrando por ela.

Cui sentou em uma das cadeiras que estava em volta da mesa. Tentou disfarçar a angústia de estar na frente do pai e fez o semblante mais tranquilo que poderia. Pediu para que o Doutor sentasse na cadeira a sua frente, o que foi feito sem demora.

- Ainda bem que você chegou. Não aguentava mais responder as mesmas perguntas...

- O que você quer?

- Como assim...? Espera... Não acredito... Vamos começar tudo de novo?

- A pergunta é: O que você realmente quer?

- Já disse ao seu amigo que...

- Sei o que você disse. Não foi convincente.

Nesse momento, Cui utiliza a linguagem dos sinais. Seu pai interpreta os rápidos movimentos dos dedos que diziam “Eles podem apenas nos ouvir, mas não podem ver”. Doutor Figo fez uma expressão de dúvida. Cui falou em tom de voz alto que se não cooperasse, teriam de matá-lo. Com os dedos dizia que era espião duplo e que precisavam agir rápido. Os rebeldes estavam planejando sair de seus esconderijos e atacar com força total o sistema.

O General olhava para o holograma do Secretário do Serviço de Inteligência. Tentava prestar atenção no que ele dizia, mas em sua cabeça pairavam outros pensamentos.

- O que está havendo, General? Parece disperso?

- Desculpe, Secretário, mas o senhor não está me falando tudo o que sabe.

- O que o leva a pensar assim? Somos um time. Trabalhamos juntos pela manutenção de nossa sociedade e seus valores. O Salvador do Bem...

- Sei que o Serviço de Inteligência nos considera primitivos e não confia completamente em nós. Somos um time dividido, que só trabalha junto quando é de interesse. Por que estamos interrogando aquela mulher, quando já sabemos que seu marido não foi de livre e espontânea vontade? Não temos motivos para acreditar que eles tenham envolvimento com a resistência. Não vi nenhum dos seus homens de confiança envolvidos no processo de exploração dos subterrâneos. E como perderam um importante cientista de suas vistas? Não acredito que ele não estivesse sendo monitorado.

- Tudo bem, General... Tem certeza que estamos falando de uma linha segura?

O General se mostrou mais interessado nesse ponto da conversa.

- Claro. Pode falar. Esclareça-me o que realmente está acontecendo, ou terei de começar a jogar sozinho também.

- Estávamos desconfiados de certas atitudes do Doutor Figo e já vínhamos há algum tempo levantando os principais suspeitos de alguns atos de sabotagem. A necessidade de alguém interno para facilitar estes atos nos parecia cada vez mais óbvio. Começamos a pressionar o Doutor para causar certo desconforto, dando margem para ele escapar. Depois de uma conversa dura com ele a respeito dos interrogatórios e cortes nas pesquisas, pedi para alguns homens visitarem sua casa. Sabemos da compulsão que o Doutor tem com organização e deixamos alguns itens um pouco fora do lugar de costume. Como se alguém tivesse procurado alguma coisa e depois saído sem conseguir disfarçar a busca. Alguns dias antes já havíamos deixado acessíveis as informações sobre a região onde estávamos detectando o uso do computador e certos estudos sobre a possibilidade de uso dos subterrâneos. Ele não sabia que estava chipado. Utilizamos um novo modelo de chip mais difícil de ser localizado.

- Então ele está sendo rastreado sem saber e nos levará direto a toca?

- Para nossa surpresa, recebi uma mensagem codificada dele em um aparelho que uso de forma super confidencial. Ele sabia de todo o esquema e disse que iria colaborar de livre e espontânea vontade para limpar seu nome e mostrar que está a serviço de nossa sociedade.

- Então, quando me falaram sobre o tal computador utilizado pelos rebeldes, era uma informação antiga? E por que estamos perdendo tempo com os subterrâneos e o interrogatório?

- Digamos que esperamos alguns dias antes de lhe passar a informação. Quanto aos subterrâneos e o interrogatório, como não podemos ter certeza de quem está do nosso lado ou não, a ideia é mantermos certos procedimentos para causar confusão. Além disso, não podemos ter certeza de nada. O filho desaparecido do casal parece ter assumido o lugar de Gabriel. Talvez o homem não faça parte, mas a mulher pode estar inserida. Não podemos abandonar uma suposição e mergulhar de cabeça em outra. Talvez o sequestro possa ter sido encenado... Vai saber... No momento, não temos convicções. Temos de continuar caminhando em todas as direções possíveis. Quando tivermos algo mais sólido, podemos ter uma linha de trabalho para seguir.

- Mas se o Doutor está chipado, as buscas nos túneis me parecem perda de tempo e de energia.

- São muitas as possibilidades. Temos de ter várias frentes de trabalho. Entenda, General. Por mais que achemos que o Doutor não saiba sobre o chip, estamos falando de um homem com inteligência a cima da média e que não é confiável. Ele não possui uma ideologia ou crença. Sua religião é a ciência. Só isso o interessa. Isso e sua sobrevivência. É covarde e egoísta. Egocêntrico ao extremo. Talvez nos apronte alguma. É difícil dizer o que esperar de alguém assim. Temos de ter um plano B e um plano C. De preferência todos funcionando juntos. Agora, estamos correndo contra o tempo. Nada é mais precioso do que a velocidade. Se

estes vermes pensarem em espirrar por um lado, já estaremos esperando do outro. Temos de estar mais a frente do que simples passos a diante. Cercaremos por todos os lados possíveis.

- Parece uma estratégia um tanto caótica para o Serviço de Inteligência do Salvador do Bem.

- Nosso inimigo pensa em destruir a ordem. Sejamos então metodicamente caóticos para que nossa ordem esmague estes bárbaros. Nem tudo que parece é exatamente. Estamos lutando contra um monstro de muitas cabeças e não podemos deixar escapar nenhuma. É como disse: Temos de cercar por todos os lados.

Maria, Paulo e Amaro estão em volta de um pano no chão. Em cima deste pano estão alguns potes com saladas. Amaro come com desconfiança.

- Pode comer, meu irmão. Essa é a primeira safra dos alimentos que estamos conseguindo produzir em estufas próximas daqui. Só não esqueça de tapar o pote sempre que pegar sua porção. Estas moscas sofreram mutação e se reproduzem muito rápido. Seria um desperdício deixá-las pousar na comida. Ela ficaria repleta de ovos antes que você pudesse espantá-las.

As moscas pousavam em toda a parte, apesar dos abanos de mãos de Amaro.

- Maria, não estou conseguindo acreditar em nada disso. Como você e Paulo se envolveram nessas atividades criminosas? Como se deixaram influenciar por estes terroristas?

- Estes, que você chama de terroristas, salvaram meu corpo e minha mente que estavam sendo destruídos pelas engrenagens deste sistema escravocrata e cínico do qual você também acaba de ser salvo. Atualmente sou responsável pelo setor que cuida das crianças e adolescentes resgatados dos porões do Salvador do Bem. Estas crianças estavam desaparecidas. O sistema as sequestrava e colocava na conta da resistência. O plano era transformá-los em engrenagens acéfalas, sem nenhuma capacidade de reflexão. Existiriam apenas para fazer parte da terrível máquina sistemática. Agora são as sementes do amanhã.

- E essa comida? Como estão conseguindo produzir isso? Parece real.

- E é. Coma, meu irmão. Existe muita coisa para te mostrar. Primeiro, se alimente.

Carcará limpa as mãos sujas de sangue. O trapo que esfrega entre os dedos já está tão vermelho quanto suas mãos. Vira-se para um dos ajudantes e manda que suma com o corpo.

- Irei dar pessoalmente as más notícias ao General.

....

- Tem certeza?

O General caminhava pela sala, enquanto Carcará, sentado confortavelmente, degustava a bebida em seu copo.

- Se sabia, era bem durona. É difícil não contar depois de passar pelo meu interrogatório. Sabe que sou minucioso.

- Não duvido de sua capacidade ou do seu trabalho, Carcará. Sabe que tenho completa confiança em você. Não te chamei a toa. Talvez ela não soubesse mesmo. Já trabalhávamos com essa possibilidade. Fique tranquilo. Preciso entrar em contato como Secretário. Já sabe o que fazer com os restos?

- Já está feito.

Cui sai da sala de interrogatórios. Durval já o esperava do lado de fora.

- Temos de nos retirar rápido. O desgraçado estava com um novo modelo de rastreador que não conseguimos identificar. Eles podem estar a caminho. Podem chegar a qualquer momento.

Os dois caminhavam lado a lado. Os passos eram acelerados.

- Certo. Informe aos demais. Passarei os últimos acontecimentos para Paulo.

- Os explosivos estão prontos? Temos de preparar as armadilhas.

Durval faz um sinal de sim com a cabeça.

Todo processo de evacuação aconteceu em menos de meia hora. Sempre treinaram e se mantiveram prontos para quando fosse necessária uma saída as pressas. Nada que fosse comprometedor, que desse qualquer informação relevante sobre a resistência, foi deixado para trás. Cada grupo cuidou de seu setor de forma ágil e eficiente.

Dividiram-se pelos túneis. O ponto de encontro seria na célula mais próxima, onde levariam alguns dias para chegar. As armadilhas foram preparadas em pontos estratégicos. As explosões não só levariam seus perseguidores pelos ares, como derrubariam os túneis, bloqueando os trajetos. Isso tornaria ainda mais difícil encontrá-los por aqueles labirintos.

Simultaneamente ao processo de evacuação, logo após serem informados, o pessoal da sede já passava o ocorrido aos demais para que comesçassem o processo de reorganização. Seria prudente que todos se mudassem. Tinham de estar sempre a frente do sistema. Não podia esquecer que o Doutor estava perto da sede de operações da resistência quando foi encontrado e que a sede era bem próxima a célula comprometida.

Paulo e Maria estavam passeando com Amaro pelo Lixão quando receberam a notícia. Um dos adolescentes chamou Paulo e passou a informação em tom de segredo. Eles estavam explicando a Amaro sobre como conseguiram iniciar a produção de alimentos quando todo o necessário para o plantio era guardado e apenas usufruído pela minoria privilegiada, o alto escalão do sistema. Como sempre, a colaboração dos infiltrados foi fundamental. Paulo retornou para a conversa simulando tranquilidade, tentando mascarar sua preocupação. Depois, em momento oportuno, passou a informação para Maria. Resolveram não contar para Amaro. Pelo menos por enquanto.

Ao anoitecer, Paulo desceu pelo buraco que logo seria lacrado por uma ágil operação realizada por parte dos adolescentes. Aquele tampão por onde tantas vezes saíra, não seria mais aberto. Teriam de usar as rotas alternativas, caminhos mais longos e complicados. Era o que devia ser feito para garantir a segurança daquele setor do projeto revolucionário em questão.

Paulo desce rápido a longa escada e logo está de volta aos túneis subterrâneos. Aprendeu a se sentir em casa naquele submundo. Já nem sabia se conseguiria se acostumar quando acontecesse a revolução e voltassem a morar na superfície. Tirou o comunicador que Amaro consertou do bolso e pensou em como seu pai era engenhoso. Enquanto conversavam sobre várias questões, Amaro pegou umas peças que encontrou em uma pilha de lixo e começou a mexer nos cacos do aparelho que havia guardado. Quem diria... Afinal havia como fazer aquelas coisas voltarem a vida.

Pouco mais de uma hora depois dos revolucionários terem sumido pelos túneis, as tropas do sistema invadiram a célula que havia sido descoberta. Encontraram logo o corpo do Doutor Figo com uma placa pendurada no pescoço. Um dos soldados chegou perto e leu "Vocês não podem parar o inevitável". Enquanto o soldado confirmava a morte do cientista, os demais se espalhavam pelo lugar.

Os soldados iam ocupando os corredores e abrindo as portas com um chute. Precisavam se certificar que não havia mesmo ninguém por ali. Estavam tensos, esperando encontrar um rebelde em cada canto explorado. Atrás de uma das portas, existia uma sala com vários arquivos. Modelos antigos, de quando ainda existia grande número de documentos em papel. Pareciam ter descoberto onde a resistência guardava seus documentos. A primeira explosão se fez ouvir quando o soldado abriu uma das gavetas do arquivo.

Duas semanas se passaram desde que Amaro encontrou a irmã desaparecida. Maria passou os dias explicando ao irmão cada parte do processo revolucionário e todo o beabá da resistência. Amaro parecia estar entendendo. Não demonstrava mais tanta dificuldade. Só não se conformava com as moscas.

- Quanto a isso, não podemos fazer mais que passar o repelente que criamos.

- Mas isso fede. Aliás, tudo aqui fede. Poderíamos criar um inseticida a partir deste repelente.

- Um dos fatores que levaram estes insetos a mutação foi o uso constante de inseticidas. Claro que também se somou o uso de agrotóxicos, energia nuclear... Enfim... É tanta coisa que precisaríamos de um estudo realmente aprofundado para determinar qual fator foi o ponto decisivo. Já temos muito que fazer em tão pouco tempo. Talvez depois da revolução... Agora temos de nos deter em questões de maior emergência. Sem falar que com o repelente, elas não pousam tanto ou nos mordem. Ficam apenas voando a nossa volta. E se eu me acostumei, você também se acostuma.

- Não sei não.

Maria olhou para o irmão que apreciava o treinamento de guerrilha das crianças.

- Amaro?

- ...

- Podemos contar com você?

- Vi muita coisa impressionante por aqui nestes últimos dias... mas não sei.

- Enquanto conversamos, você sempre está fazendo manutenção em nossos robôs, nos transmissores... Outro dia nosso portão parou de abrir e você conseguiu dar jeito com a própria sucata que nos cerca. Precisamos de alguém com suas habilidades.

- Não tenho muita certeza do que é certo.

- Tenho certeza que você sabe. Aí dentro você sabe.

- Deixe-me pensar mais um pouco. Preciso de tempo.

- Só não demore muito. Podemos recuperar tudo que jogamos fora na vida, menos o tempo. Ainda mais em épocas em que temos tanto o que fazer e que temos inimigos tão poderosos.

O General entra na sala de guerra, onde as mais altas patentes do exército, marinha e aeronáutica dos países que fazem parte da Coligação Defensora dos Cidadãos de Bem, fundada pelo Salvador do Bem, estão reunidas. Almirantes, marechais, tenentes e generais aguardavam apreensivos. Após se acomodar em sua cadeira, o General observou todos se voltarem para ele e as conversas paralelas silenciarem. Limpou a garganta e começou:

- Estamos passando por uma situação muito difícil. Os bárbaros terroristas vêm crescendo em todos os nossos territórios e suas ações estão cada vez mais audaciosas. Faz alguns dias, conseguimos encontrar uma célula que estava atuando de forma ativa...

- Não conseguimos prender ninguém, obter informações ou chegar a outras células. Ainda perdemos muitos homens e equipamentos com as bombas que estavam espalhadas pelo local e pelos túneis próximos. Quando o senhor foi nomeado como o general que lidaria direto com o Serviço de Inteligência do Salvador do Bem...

Quem interrompia era um outro general. Este, amargo por não ter sido o escolhido para ser o interlocutor direto com o Serviço de Inteligência, não perdia uma oportunidade de criticar o companheiro de patente.

- Por favor, deixe-me prosseguir. –O velho general retomou a palavra, duro, mas sem conseguir esconder o constrangimento pela colocação do outro. Acionou um botão a sua frente e um holograma com os mapas dos subterrâneos apareceu sobre a grande mesa redonda em que estavam todos sentados a volta. – Um infiltrado nos passou a localização exata das células e da sede da organização que vem atuando no território em que estou responsável por desbaratar tais atividades. – Olhou triunfante para o outro general e sentenciou sem mais um mínimo de sombra do constrangimento anterior. – Chamei todos vocês aqui para combinarmos os planos de uma grande ofensiva que começará aqui, nos Estados Unidos do Brasil, e se estenderá ao território de cada um desta Coligação, dando um golpe definitivo nesta rebelião que não tem outro fim se não abalar com as estruturas de nossa sociedade e o prestígio inquestionável do grande e divino Salvador do Bem.

- Mas temos como acreditar que não será outra situação vexaminosa como a última, só que desta vez envolvendo toda a Coligação? Como saber se não estaremos mandando nossos homens e máquinas para uma grande armadilha? Qual a credibilidade deste informante? – Atacou novamente o outro general.

- Tenho certeza do que estou dizendo e entrego meu cargo para o senhor, se eu estiver errado.

Todos começaram a falar juntos. Alguns tinham dúvidas, outros não. Ao conseguir acalmar os demais, o velho general começou a estudar o mapa, desfiando algumas estratégias das que levava prontas. Várias opiniões emitidas, em diversos momentos os pontos de vista se atropelavam. A reunião se estendeu por horas.

...

O Secretário do Serviço de Inteligência estava estudando alguns documentos, quando sua andróide secretária entrou no escritório.

- Senhor secretário, o General está na linha. Deseja falar com o senhor. Diz que é importante.

- Pode passar

A andróide aciona o projetor e o holograma aparece no meio da sala. Pede licença e sai. Ao ver a porta fechar, o General olha profundamente para o Secretário. Estava com aparência cansada. O Secretário fez sinal com a cabeça para que o General falasse algo. O General faz algo que pode ser considerado um sorriso.

- Toda a coligação estará do nosso lado. Entrarão com homens, robôs, andróides, ciborgues, e todo armamento e tecnologia que tem disponíveis. Isso, somado ao que já temos, garantirá um massacre. Cobriremos toda a área, rotas de fuga e tudo o mais. Não tem como dar errado. Daí é tirar dos prisioneiros onde podemos encontrar as células e sedes nos demais territórios e acabaremos com todos.

- Mas os demais podem se mexer em seus territórios quando souberem o que fizemos por aqui.

- Assim como nós, eles já têm indícios de onde estão e como se movem os rebeldes de suas regiões. Só precisam saber exatamente os pontos. Estaremos com todos os veículos, blindados, aviões... Estaremos nos movendo por terra, mar e ar com o que há de mais veloz no momento. Não daremos tempo. Já tínhamos pensado em tudo isso antes, Secretário. Lembra?

- Tem razão. É que já estamos há tanto tempo nessa luta, que custa a acreditar que finalmente vamos conseguir.

- Já conseguimos. Pode acreditar. Não temos como errar. Não podemos. Meu pescoço depende do nosso sucesso nessa campanha.

- Certo. Irei me reunir com o Secretário da Tecnologia para acelerarmos a produção de tudo que é voltado para o bélico. Teremos poucos dias para acumularmos um pouco mais de tecnologia de guerra. O Secretário da Propaganda também estará presente. Precisaremos de uma forte campanha que faça os trabalhadores trabalharem ainda mais e com orgulho de seus esforços patrióticos. Terá de ser uma campanha muito bem pensada, pois eles não podem desconfiar de nossa ofensiva contra os grupos rebeldes. Se essa informação vazar, podemos por tudo a perder. Por outro lado podemos passar ao vivo nossa ofensiva, promovendo um grande espetáculo em todas as micro telas... – O Secretário parou por um momento, fez ar pensativo e disparou: -Não. Isso poderia comprometer os próximos passos. Temos de fazer essa mega operação com o maior silêncio possível. Quanto menos pessoas entendendo o que está acontecendo, melhor.

- O ideal é que nem percebam o que estará acontecendo.

- Isso será difícil, General. Estamos falando de uma grande operação. Talvez grande demais para... Já sei. –Disse o Secretário levantando e estalando os dedos. - É isso. O Salvador do Bem fará um pronunciamento que será transmitido apenas nos televisores. Todos serão dispensados mais cedo do trabalho neste dia e irão direto para casa. Temos só de imaginar algo que os prenda diante dos aparelhos. Mas isso não é problema. Discutirei essa pauta durante a reunião com os secretários. Tentarei marcá-la ainda para essa tarde.

- Mas os aparelhos de televisão praticamente já não são mais usados. As micro telas estão tornando até os computadores domésticos obsoletos.

- Anunciaremos nas micro telas que é o que deve ser feito. Serão palavras importantes proferidas pelo nosso querido Salvador. Ninguém irá querer virar as costas para ele e correr o risco de ser confundido com um terrorista. Começaremos os anúncios o mais rápido possível para dar tempo de todos ligarem seus aparelhos e ver se estão em bom estado. Podemos até ver quantos aparelhos ainda temos em estoque e distribuir para os que... Não se preocupe. Deixe essa parte comigo. Preciso começar a agir. Isso tudo tem de acontecer o mais rápido possível. Quanto tempo o senhor acha que teremos até os ataques começarem.

- Se tudo continuar no ritmo em que está... Pouco mais de uma semana.

Paulo caminhava com passos rápidos entre as grandes montanhas de lixo. O sentinela já havia anunciado sua chegada e Maria vinha ao seu encontro. Ao se aproximarem, Maria logo perguntou sobre a mensagem que ele tinha enviado pelo comunicador.

- Onde está meu pai?

- Tivemos uma conversa ontem sobre a necessidade de se posicionar. Ele pediu mais tempo para pensar. Hoje acordou cedo e foi para a oficina fazer reparos em alguns robôs. Passou o dia lá. Acho que isso o ajuda a pensar.

- Vamos até ele. Dependendo da decisão que tomou, passarei a situação para vocês dois de uma só vez.

Maria fez sinal de concordar com a cabeça e foram rumo ao velho container que funcionava como oficina.

Amaro estava trabalhando em um modelo bem antigo de robô. Percebeu logo a entrada de Maria e Paulo. O filho lhe deu um forte abraço e se afastou um pouco. Observou as peças sobre a bancada de trabalho e perguntou se podia contar com ele. Amaro passou as mãos pelo rosto e disse que sim. Os dois se olharam nos olhos.

- Estamos em uma situação crítica. Um infiltrado passou localizações e mapas de boa parte dos subterrâneos.

Maria não pode conter o ar de espanto:

- Como? Uma pessoa para ter acesso a esse material teria de ser de confiança. Nem eu sei a localização de todas as células. Já sei. Foi o Cui. Nunca confiei naquele rapaz. Você, pelo contrário...

- Não, tia. Cui não teria como ter acesso a toda essa informação. Foi alguém da Sede. Uma pessoa, como a senhora falou, de alta confiança. Mas isso já está sendo resolvido. Não se preocupe. Precisamos evacuar todos os pontos o mais rápido possível. Dividiremo-nos pelos subterrâneos. Em alguns pontos teremos de sair e continuar pela superfície. Por mais que os subterrâneos liguem as cidades, e em alguns pontos até os estados, não é possível cruzar todo o país por eles. Nesse momento formaremos pequenos grupos. Teremos de nos misturar entre as pessoas comuns até chegarmos a locais mais afastados. Não conseguiremos levar tudo, mas encheremos os locais com explosivos. Quando entrarem, não vão sair, nem levarão nada.

- Tudo o que construímos...

- Eu sei, tia. Teremos de recomeçar. Existem locais como este lixão, que eles não fazem ideia que existam. Vamos utilizá-los como pontos estratégicos nessa fuga e reorganização.

- Tem certeza de que não conhecem estas localizações?

- Claro. Não tenho dúvidas. Mesmo assim, após pegarmos fôlego, após curto período de organização, vamos deixar estes lugares e iremos para mais distante, só voltando quando estivermos novamente fortes, prontos para o confronto final. Mas vamos com calma. A primeira coisa que temos de fazer é nos preparar para abrigarmos algumas pessoas importantes para nosso movimento.

- Aqui?

- Sim. Ficarei aqui com eles e depois partiremos todos. Traremos homens de confiança para reforçar a segurança.

Amaro olhava para os dois em silêncio.

Cui chegou à sede. Teve uma rápida reunião com algumas pessoas que já o aguardavam. Logo depois foi procurar Cíntia. Ela estava fazendo um treinamento de combate com alguns hologramas em uma sala equipada para tal. O equipamento foi desligado e a sala voltou a mostrar suas paredes encardidas, sumindo o ambiente que antes ocupava o campo de visão da jovem. Ela olhou para a porta para ver quem entrava.

- Testando o novo equipamento?

- Oi, Cui. Vantagens de estar na sede.

- Imagino. Aqui existe acesso a muita coisa. –Após curta pausa, completou. - Inclusive informações.

- Do que está falando?

- Todas as células já estão sendo evacuadas. A sede começou uma discreta evacuação, só que teve de manter toda sua atenção na infiltrada. Ela não poderia escapar. Agora já aceleraram o processo.

Cíntia tentou atirar em Cui, mas ele foi mais rápido. O corpo se chocou contra o chão e a arma escorregou para longe. Cui se aproximou e mirou na cabeça dela.

- Por que não me mataram logo? Por que tinha de ser você?

- Poderia ser qualquer um. Apenas estavam me esperando com a confirmação de que era mesmo você a traidora. Daí me pediram para resolver esse pequeno problema para poderem começar a arrumar as malas. Não foi fácil acreditar nisso. As pessoas apostaram muito em você. Você estava há muito tempo aqui. Cresceu nesse lugar. Viu sua mãe morrer pela causa. Ela era uma guerreira de verdade. Suas histórias inspiram novos combatentes até hoje.

- Como descobriram que era eu?

- Existiam poucas pessoas com acesso a tanta informação e menos ainda que pudessem mandar essas informações para fora. Nossos contatos deram a data da chegada dessas informações ao sistema no mesmo dia em que você teve uma missão externa. Só precisei trazer o registro em vídeo do meu pai dizendo na linguagem dos sinais que vocês estavam colaborando para um duro golpe contra a resistência. Ele era apenas um elemento de distração enquanto você fazia o que devia ser feito. Isso foi ideia dos militares?

- Não, do Serviço de Inteligência do Salvador do Bem.

- E por que você fez isso? Como te cooptaram?

- Me pegaram em uma missão externa e ofereceram uma chance de mudar de vida. Nunca pensei como minha mãe. Ela achava que crescendo aqui, eu iria ter as mesmas crenças, mas...

Enquanto Cíntia falava, Cui ajustava a potência da arma para o máximo, sem deixar de mirar na cabeça dela por um minuto que fosse. Achou que já estava bom. Não precisava mais ouvir aquele discurso vazio de mais uma pessoa que havia vendido seu ideal por muito pouco. Cui não esperou ela terminar a frase. Apertou o gatilho e a cabeça de Cíntia explodiu. Sangue e pedaços não identificados coloriam o chão. Cui olhou para aquele corpo sem cabeça enquanto guardava lentamente a arma. Iria ajudar os companheiros a evacuar a sede e preparar os explosivos. Não tinha mais o que fazer naquela sala.

O General olhava impaciente para o holograma do Secretário do Serviço de Inteligência. Socou a mesa gritando:

- Então a história do Doutor era mentira.

- Sempre dramático, General. Digamos que era uma meia verdade. Realmente a coisa ocorreu como lhe disse, mas como não podíamos confiar cem por cento naquele covarde, tínhamos um elemento surpresa. Mas isso já não importa mais. O importante agora é que tudo deu certo e teremos uma vitória esmagadora. As micro telas já começaram a anunciar o comunicado do Salvador. E que idéia fabulosa essa de comunicarmos para os próximos dias algo que estará acontecendo no momento e uns dias depois passar como se fosse ao vivo. Tudo já montado e editado. Isso, além de confundir nossos alvos, ainda garantirá um grande espetáculo para o cidadão de bem. O fim da barbárie, meu caro General.

- O senhor tem ideia do quanto estou arriscando e nem ao menos posso confiar em quem está trabalhando comigo? O senhor pode novamente estar jogando.

- Assim o senhor me ofende, General. Precisa confiar em mim. Estamos do mesmo lado.

- Já ouvi isso antes.

- Paulo? Queria falar comigo?

- Sim... Meu pai sumiu.

Maria olhou em volta sem entender. Ainda estava dormindo quando avisaram que Paulo a estava chamando. O dia acabara de nascer.

- Temos de organizar um esquadrão de buscas para revirar cada canto desse lixão.

- Já fiz isso. Acordei ainda de madrugada e dei por falta dele. Procurei em várias partes. Quando vi que não conseguia encontrar, organizei a garotada pra ajudar. Mas não adianta mais. O robô sentinela que cuidava do portão registrou sua saída duas horas antes de começarmos as buscas, no meio da noite. Ele sabia a senha e saiu com uma moto que havia recuperado no meio do lixo em que mexia constantemente. Foi em direção a cidade. Não conseguiríamos alcançá-lo.

- Era uma moto antiga? Por mais que tivéssemos álcool ou gasolina em alguns reservatórios era muito pouco e...

- Não. Era um modelo elétrico econômico. Se ele conseguiu consertar o turbo propulsor já deve estar chegando.

- Se é que não chegou.

- Temos de acelerar nossa partida. Vamos fazer contato com os outros. Precisam chegar logo. Não sabemos o que pode estar passando pela cabeça do velho.

- General...

Carcará entra pela sala puxando Amaro pela camisa.

- Põe ele sentado ali.

Carcará joga Amaro em uma cadeira. Ele cai sentado com ar amedrontado.

- Por que estão fazendo isso? Eu só queria colaborar. Fazer meu papel de cidadão de bem.

O General escuta as palavras de Amaro e olha carcará.

- Pois é, General. O sujeito chegou na delegacia dizendo que tinha informações importantes para o Salvador do Bem. Disse saber como encontrar os líderes da rebelião. Como eu tinha ido ali resolver outros problemas, fiquei na volta e consegui pescar alguma coisinha. Daí te passei e o senhor emitiu a ordem para que eu o levasse para interrogatório. Parece que está falando a verdade.

O General volta a olhar Amaro que gagueja um pouco até pegar o ritmo da fala.

- Estes terroristas são mesmo bárbaros e perigosos. Moram nos subterrâneos, andam pelos velhos caminhos de esgoto... Tem alguns que moram com crianças em lixões infestados de moscas. E eles entram em nossa mente. Por um momento, quase acreditei neles. Preciso que salvem minha irmã e meu filho. Eles estão completamente dominados por estas feras. Os terroristas já descobriram os planos do Salvador do Bem e estão em retirada.

- Isso pode ser uma armadilha daqueles ratos.

Disse o General voltando a olhar Carcará. Este explicou achar difícil.

- O velho está se borrando de medo. Não parece um agente.

- Estes vermes são diabólicos. Aparentam o que bem entenderem.

Nesse momento a porta se abre. Um andróide entra se desculpando por interromper.

- Chegou a confirmação de DNA que o senhor pediu para colher deste senhor e comparar com nosso banco de dados. Ele é mesmo o homem que havia sido sequestrado pelos terroristas no dia da explosão perto da fábrica.

- Sim... Eles me sequestraram.

- E como podemos localizar estes vermes? O senhor tem mapas ou o que?

- Ele me entregou esse comunicador aqui, general. – Carcará entregou o aparelho nas mãos do General. – Disse que está ligado ao do filho. Por aí podemos rastrear onde ele está e acompanhar a comunicação. Parece que o filho dele, um tal de Paulo, foi quem assumiu o lugar do Gabriel. Ele se encontrará com outras cabeças da rebelião no tal lixão para evadirem. Podemos pegar algumas lideranças ali.

O General mandou que o andróide encaminhasse Amaro para a prisão, sob o aviso que se fosse algum tipo de armadilha, ele teria uma morte terrível. Pediu que Carcará o acompanhasse para lhe passar os detalhes no caminho.

- Por favor, não façam mal a minha irmã ou ao meu filho. Eles estão precisando de ajuda. Todas aquelas crianças estão.

O General deu nova olhada para Amaro, como só agora o estivesse vendo. Analisou o prisioneiro da cabeça aos pés.

- Se estiver falando a verdade, mando seu filho e sua irmã para o Centro de Recuperação, para onde o senhor também será transferido. Afinal, depois de passar tanto tempo sem suas medicações e sob o domínio destas criaturas, provavelmente sofreu algum trauma ou influência maligna. O Salvador do Bem ama a todos, principalmente os que estão com ele.

Amaro havia ficado por dois meses no Centro de Recuperação. Passou por todo o Programa de Formação do Cidadão de Bem. Fez o módulo intensivo, pois não poderia tardar a sair. Era necessário para o sistema. Virou o símbolo da luta contra a barbárie terrorista. Era a prova de que o povo estava ao lado do sistema. Fez o que era certo, mesmo sem conseguir lembrar direito o que havia feito. Saiu do Centro e foi direto receber sua medalha de honra, o Braço Popular do Salvador do Bem. Várias autoridades presentes. Ministros e secretários apertavam sua mão. Até o holograma do O Salvador do Bem compareceu.

Acabando a confraternização, foi levado até seu apartamento. Entrou meio confuso. Não sentia como se estivesse chegando a sua casa. O assessor do Secretário da Verdade o acompanhava a cada passo e explicava que a estranheza se devia ao tempo que havia levado fora, somado as reformas que haviam sido feitas por conta do Estado como forma de agradecimento. O apartamento estava equipado com tudo que havia de mais moderno. O Programa Companheiro interagia com o dono da casa desde sua entrada. O herói nacional merecia o melhor.

Mas um vazio também o acompanhava a cada passo. Talvez fosse o fato de não lembrar de Cleonice, Maria ou Paulo. Todo este bloco de lembranças havia sido coibido. Deixaram livre apenas suas habilidades mecânicas e um passado montado convenientemente. Não prestava mais atenção ao que dizia o assessor ou o Programa. Apenas tentava entender o que era aquele vazio.

- Agora deixarei o senhor descansar. Sua micro tela tem o link direto com o meu canal caso precise. A manhã poderá voltar ao seu trabalho na fábrica. Apenas um detalhe: Será promovido para o setor de andróides. Está satisfeito? Este setor envolve melhor remuneração e, como todos sabem, melhor remuneração significa poder comprar novas coisas. Isso não é maravilhoso? Ter um melhor padrão de vida é consumir mais. Isso é o que todos querem e estamos proporcionando a você, nosso herói...

As luzes piscaram. O assessor olhou em volta tentando entender. Sorriu achando estranho aquela queda de luz, pois o apartamento estava equipado de forma a não permitir a menor queda de luz, mesmo com os problemas que vinham enfrentando com a grande quantidade de aparelhos consumindo energia ao mesmo tempo nas residências. Perguntou ao programa Companheiro, que vinha associado a um Programa administrador, o que havia acontecido, mas não obteve resposta.

- Ele não vai responder.

Cui entra no cômodo com uma arma apontada para o Assessor e outra para Amaro. Explicou ter desligado todo o sistema da casa. Disparou um tiro certeiro na cabeça do Assessor. O corpo sem cabeça cai pelo chão. Aponta ambas as armas para Amaro e manda que sente. Amaro deixa o corpo cair sentado na cama e alterna o olhar para Cui e para o corpo que tingia o chão.

- O que está acontecendo? Quem é você?

- Não lembra?

Amaro fixa o olhar em Cui, mas não consegue lembrar.

- Acho que está me confundindo.

- Pelo visto fizeram um ótimo trabalho lá no Centro. Lembra de Paulo?

- Paulo?

- Seu filho. Você o traiu. Entregou todo mundo. Ele acreditava que você poderia voltar a ser aquele mesmo homem que ele conheceu quando criança, mas se enganou. O sistema já tinha devorado tudo que você tinha de bom aí dentro.

- Não estou entendendo.

- Não sei o que você pensou que eles fariam, mas eles nos massacraram. Sobraram poucos de nós. Faça parte destes poucos, mesmo tendo sofrido alguns arranhões.

Cui coloca as armas na cintura e tira o casaco, deixando a mostra o braço robótico que substituiu o seu membro superior direito.

- Não sei do que está falando.

Cui mete a mão no bolso interno do seu casaco e tira uma bola metálica. É um projetor interno de um robô sentinela.

- Talvez isto o ajude a lembrar.

Cui joga a bola no chão. Ela rola até os pés de amaro e libera imagens do lixão. Pessoas morrendo, a maioria crianças e adolescentes. Algumas eram arrastadas feridas para dentro dos blindados militares. Robôs e andróides vinham na linha de frente atirando em tudo que se movia e os ciborgues vinham atrás capturando os poucos sobreviventes que restavam.

- Que horror!

Amaro virou o rosto enjoado. Cui foi até ele e virou sua cabeça de volta as imagens.

- Olhe. Essa é apenas a visão de um dos nossos robôs. Consegui salvar do que sobrou dele...

Agora as imagens mostravam vários corpos cobertos por moscas.

Amaro fez força e novamente conseguiu virar o rosto.

- Não quero ver isso. Não tenho de ver isso.

Cui sacou uma das armas e encostou na testa de Amaro.

- Tem sim! Você foi o responsável por isso! Depois do massacre, as moscas tomaram conta de tudo. Proliferaram como nunca e devoraram os cadáveres junto das baratas e ratos que surgiram em quantidade também nunca vista por ali. Consegui vencer as nuvens de insetos para resgatar as imagens que documentaram nosso massacre naquele lixão. Um dia depois disso, lançaram uma bomba no lugar e tudo desapareceu. Ficou apenas uma cratera no chão. E você precisava ver o que eles fizeram com os nossos que foram pegos nos subterrâneos. Ainda dizem que nós somos os bárbaros. Seu filho foi levado para um centro de tortura, onde agonizou até a morte.

- Filho? Acho que tive um filho. Paulinho? Mas... Espera... Eles prometeram que não iam fazer mal a ele. Fui buscar ajuda. Ele tava influenciado... Não é possível.

- Lamento muito, senhor Amaro, mas não pode existir espaço para este tipo de engano e não podemos confiar no senhor depois do que fez. Procure lembrar. Já deixei os subsídios para que comece essa jornada. Viva com o peso dessa decisão.

Cui saiu, deixando Amaro com os olhos transbordando lágrimas, paralisado pelas imagens que se repetiam a sua frente e pelas lembranças que voltavam a sua mente. Em determinado momento pode reconhecer o corpo de Maria tombando, com o rosto contorcido em dor. Conforme reassistia ao massacre, ia reconhecendo alguns personagens. Um pouco mais tarde seu corpo despencava da janela para explodir na calçada. Não havia espaço para este tipo de engano. Fizeram tudo para abrir seus olhos, mas ele se negou a ver. Não podia conviver com o peso de sua decisão.

No céu, no pequeno planeta chamado Terra 2, um homem olha para o infinito, na direção em que acredita estar seu planeta natal, sem saber que Generais, Secretários e todo um sistema conspira para manter o insustentável status quo, enquanto, nos subterrâneos, a rebelião sempre fermentará, unindo os inconformados em uma luta sem tréguas por uma realidade mais humana e menos bestial, onde homens, como Cui, não tenham que matar para viver, onde homens, como Paulo, não tenham de passar os últimos dias sob os domínios de Carcarás, onde mulheres, como Maria, não tenham de padecer com seus filhos e filhas sob a mira da pseudo moral e serem devoradas por insetos mutantes... onde todos possamos caminhar livres e leves, sem estar presos, ou prendendo outros, em nome de uma falsa segurança, onde não tratem as diferenças como doença, onde o poder não esteja concentrado na mão de uma minoria privilegiada e inescrupulosa, onde a verdadeira evolução humana não estagne em nome de uma desvairada evolução tecnológica, onde as necessidades básicas não sejam transformadas em pílulas e águas sintéticas... onde possamos sentir, dançar...

Resistência sempre